

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
-DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA-

MATEUS TOURINHO BORGES PENTEADO

Futebol e várzea na Casa Verde: Identidade, memória e resistência na metrópole

Football and floodplain in Casa Verde: Identity, memory and resistance in the
metropolis

São Paulo
2021

MATEUS TOURINHO BORGES PENTEADO

Futebol e Várzea na Casa Verde: Identidade, memória e resistência na metrópole

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Simone Scifoni

São Paulo
2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Pf

Penteado, Mateus Tourinho Borges
Futebol e várzea na Casa Verde: identidade,
memória e resistência na metrópole / Mateus Tourinho
Borges Penteado; orientadora Simone Scifoni - São
Paulo, 2021.
88 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual) - Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Futebol de Várzea. 2. São Paulo. 3. Complexo
Esportivo do Campo de Marte. 4. Urbanização. I.
Scifoni, Simone, orient. II. Título.

Dedico este trabalho a todos os varzeanos de São Paulo. Aqueles que com muito amor e abnegação, resistem aos apagamentos e produzem seus espaços da cidade veiculando paixões, afetividades e pertencimentos. Que a luta pela permanência dos campos de futebol de várzea cresça cada vez mais e ganhe notoriedade para reverter o processo de desaparecimento dos campos varzeanos em São Paulo.

Dedico também aos entrevistados Otacílio Ribeiro e Tadeu Kaçula, que transformaram este trabalho cada um da sua maneira. Considero que uma das maiores importância deste trabalho seja pela presença dessas duas grandes figuras. Difícil pensar numa pesquisa em tempos de pandemia, sobretudo com a impossibilidade de fazer trabalho de campo e a inviabilidade das ferramentas que estavam ao nosso alcance. No entanto, por se tratarem de baluartes do futebol de várzea e do samba paulistano, mesmo a distância trouxeram praticamente todos os elementos que constituíram e enriqueceram esse trabalho.

Dedico à URSA Futebol e Socialismo (URSA F.S), meu bando, meus companheiros de futebol e de vida, que saímos das quadras do butantã e do CEPEUSP para desbravar os terrões nos quatro cantos de São Paulo, agregando cada vez mais pessoas, mais sentimentos e companheirismo. Foi através da URSA que conheci e vivenciei os campos de futebol de várzea e as suas disputas.

Dedico este trabalho à Simone, minha orientadora e, talvez mais importante que isso, minha professora no Departamento de Geografia. Na medida em que o curso de graduação é um lugar de aprendizado, amadurecimento e de transformação, foram através das suas aulas que me encontrei e cresci dentro da geografia, como geógrafo e pesquisador. Se esta pesquisa é um produto final desse processo de formação, está também impregnado pelas suas aulas e ensinamentos e só tenho a agradecer por tudo.

Dedico este trabalho às minhas amigas e companheiras Mariana e Victória, dois lindos encontros que a geografia me propiciou. Mari é uma das pessoas com quem eu mais aprendi na vida e na geografia. Nesse percurso o nosso companheirismo esteve o tempo todo comigo, alimentando minha formação como geógrafo e como pessoa. Se não fosse pela Vic eu jamais teria a coragem de ter misturado uma pesquisa acadêmica com algo que sou tão apaixonado, que é o futebol. Fica a minha dedicação e meu agradecimento a essas duas amigas que vivem no meu coração.

Dedico este trabalho à minha mãe, Daniela. Mais que tudo, foi a pessoa que me ajudou a segurar a barra nesta pandemia e os desafios de se fazer uma pesquisa à distância. Não fosse os esforços dela, eu ainda estaria tentando entender o imbróglio judicial que envolve o Complexo, sem sucesso. Obrigado mãe, por tudo, principalmente por me aguentar.

Por último, mas a mais importante dedicatória é à minha tia, Andrea. Muito maior que a contribuição para este trabalho, da qual ela já conhece, dedico esta pesquisa à ela por tudo que ela representa na minha formação. Se não fossem os passeios pelo centro da cidade com ela em 2012 talvez em 2015 eu não estaria ingressando na geografia. Não fossem os inúmeros livros que ela me muniu ano a ano, talvez não fosse uma pessoa interessada pelo conhecimento. Talvez sua contribuição maior tenha sido essa, a paixão pelo conhecer, por se interessar, por se revoltar, por querer transformar. Foi por isso que me tornei geógrafo, por esse desejo, esse anseio que você tem provocado em mim há muitos anos. Esse trabalho foi, desde sempre, dedicado a você, muito antes dele ir para o papel. Fica o meu eterno agradecimento, por tudo !

RESUMO

PENTEADO, Mateus Tourinho Borges. **Futebol e várzea na Casa Verde:** identidade, memória e resistência na metrópole. 2021. 88 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

A presente pesquisa se debruça sobre o estudo das relações tecidas entre o futebol, as áreas de várzea e a urbanização na cidade de São Paulo, e como essas se transformaram desde as primeiras décadas do século XX até os dias atuais. Essas relações são analisadas por meio do estudo de caso do Complexo Esportivo do Campo de Marte, considerado por muitos varzeanos como um dos últimos redutos do futebol de várzea em São Paulo, e de seu entorno, o território da Casa Verde na Zona Norte paulistana. A partir de imagens de satélite e levantamentos fotográficos, foram realizados estudos de evolução urbana das áreas dos bairros próximos ao referido complexo que, junto às entrevistas e revisão bibliográfica do tema, foram reconhecendo e reconstituindo, no presente trabalho, a identidade do varzeano, de um jeito distinto de se morar e de se viver a cidade. Assim, esta pesquisa se situa no campo das sociabilidades, das práticas sociais e de territórios de resistência na metrópole contemporânea, entendida como lugar de apagamentos étnicos e sociais, acentuados pela incidência de políticas neoliberais por parte da administração pública.

Palavras-chave: Futebol de Várzea; São Paulo; Complexo Esportivo Campo de Marte; Urbanização.

ABSTRACT

PENTEADO, Mateus Tourinho Borges. **Football and floodplain in Casa Verde:** Identity, memory and resistance in the metropolis. 2021. 88 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

This research focuses on the study of the relationships drawn between football, floodplain areas and urbanization in the city of São Paulo, and how these have changed since the first decades of the 20th century to the present day. Referred relationships are analyzed through the case study of the Campo de Marte's Sports Complex, considered by many floodplain people (varzeanos) as one of the last strongholds of floodplain football (futebol de várzea) in São Paulo, and its surroundings, the territory of Casa Verde in the North Zone of São Paulo. Based on satellite images and photographic surveys, studies were carried out on the urban evolution of the neighborhood areas close to said complex, which, together with the interviews and bibliographic review of the theme, recognized and reconstituted, in the present work, the identity of the floodplain people (varzeanos), in their own way of dwelling in and living the city. Therefore, this research is situated in the field of sociability, social practices and resistance territories in the contemporary metropolis, understood as a place of ethnic and social erasures, accentuated by the incidence of neoliberal policies by the public administration..

Keywords: Floodplain football; São Paulo; Complexo Esportivo Campo de Marte; Urbanization

Lista de Figuras

Figura 1: Fotografia aérea Allianz Parque.....	12
Figura 2: Fotografia de campo de futebol amador em São Paulo.....	14
Figura 3: Planta da cidade de São Paulo de 1987.....	27
Figura 4: Planta da cidade de São Paulo de 1924.....	28
Figura 5: Mapa Geomorfológico da cidade de São Paulo.....	30
Figura 6: A várzea do Tietê em 1930 (Sara Brasil).....	31
Figura 7: Fotografia das obras de retificação do Tietê em 1969.....	37
Figura 8: Mapa de localização do distrito da Casa Verde.....	41
Figura 9: Atual distrito da Casa Verde projetado no Sara Brasil (1930).....	43
Figura 10: Detalhe da Casa Verde Baixa no Sara Brasil (1930).....	44
Figura 11: Imagem aérea dos bairros da Casa Verde em 1958.....	45
Figura 12: Recorte do Mapeamento Florestal de 1988.....	46
Figura 13: Bairros da Casa Verde em Ortofoto de 2004 (EMPLASA).....	47
Figura 14: Baixa e Média Casa Verde em Ortofoto de 2017 (EMPLASA).....	48
Figura 15: Fotografia aérea do Campo de Marte e seu entorno em 1958.....	55
Figura 16: Fotografia do segundo quadro do Grêmio Recreativo SADE em 1967... 57	
Figura 17: Antiga fábrica da SADE.....	58
Figura 18: Ofício n° 101/DG do Comando de Apoio Militar.....	59
Figura 19: Fotografia da construção da sede do Baruel F.C.....	61
Figura 20: Fotografia do Veteranos Unidos Paulista em 1990.....	62
Figura 21: Mapa da área envoltória do Complexo Esportivo do Campo de Marte... 64	
Figura 22: Imagem de satélite da fábrica da SADE em 2005.....	66
Figura 23 Imagem de satélite do empreendimento residencial em 2019.....	66
Figura 24 Fotografia do Centro Empresarial TOVS.....	67

Figura 25 Baile de Samba Rock na sede do Cruz da Esperança.....71

Figura 26 Projeto do PIU Anhembi e sua área de influência.....79

Lista de abreviaturas e siglas

F.C	Futebol Clube
GERCE	Grêmio Recreativo Cruz da Esperança
G.R.SADE	Grêmio Recreativo SADE
STJ	Superior Tribunal de Justiça
SADE	Sul Americana de Eletrificação e Energia
V.U.P	Veteranos Unidos Paulista

SUMÁRIO

Introdução.....	10
Capítulo 1. O lugar do futebol na modernidade	
1.1 Origens na Inglaterra do séc. XIX.....	18
1.2 O futebol e a disseminação da prática esportiva: os clubes de fábrica	20
Capítulo 2. Futebol, a cidade e a várzea	
2.1 O futebol e a cidade de São Paulo.....	25
2.2 A cidade e a várzea.....	27
2.3 Apropriação da várzea: o futebol como prática social.....	32
Capítulo 3. O território da Casa Verde	
3.1 Evolução urbana.....	40
3.2 A Casa Verde e sua gente.....	48
Capítulo 4. Estudo de caso: o complexo do Campo de Marte	
4.1 A formação do complexo do Campo de Marte.....	54
4.2 O Complexo Esportivo do Campo de Marte na atualidade.....	63
4.3 O futebol de várzea no complexo do Campo de Marte.....	67
4.4 A disputa judicial envolvendo a área do Complexo.....	72
4.5 A produção neoliberal da cidade.....	75
Considerações Finais.....	82
Referências.....	84

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como a prática do futebol de várzea ainda sobrevive na grande metrópole, como ela se desenvolve, que papel cumpre no desenvolvimento urbano, e como se manifesta culturalmente, a partir do entendimento desse fenômeno na cidade de São Paulo e do estudo de caso do Complexo Esportivo de Lazer e Cidadania do Campo de Marte, na zona norte paulistana. Profundamente enraizado na cultura popular de São Paulo, o futebol de várzea é uma prática lúdica que está imbricada com a vida do bairro que se estabeleceu na cidade durante o século XX e ainda resiste de forma fragmentada na metrópole.

É necessário, inicialmente, se estabelecer alguns entendimentos em relação ao futebol enquanto prática urbana. Primeiro, há que se diferenciar as práticas cotidianas dos espetáculos, ou seja, diferenciar o futebol que se desenvolveu profissionalmente e o futebol amador, ainda que sejam processos que, muitas vezes, se retroalimentam¹. Segundo, é importante compreender que o futebol se desenvolveu de formas tão distintas que, em torno desse mesmo jogo, podem ocorrer apropriações e interesses muito variados, resultando em espaços distintos para sua prática, havendo uma cisão entre os espaços em que o jogo se profissionalizou e aqueles onde os clubes se mantiveram em caráter amador. Uma cisão também dos sentidos que o conformam:

O desenvolvimento do futebol opôs o negócio ao lúdico, ao ócio; fez pender o futebol para o profissionalismo, transformando-o em atividade milionária, em direção aos *grandes estádios, articulando um movimento de negócios internacionais*. (Seabra, 2003, p. 268).

¹ Sobre essa questão, ver Gomes (2019).

Tamanho foi o desenvolvimento do futebol profissional que, hoje, se tornou interesse de milhões de pessoas na cidade de São Paulo e de bilhões de pessoas no mundo inteiro. São tantas as formas que os clubes de futebol penetraram no dia a dia das grandes cidades que seria uma tarefa difícil enumerá-las. Desde as grandes massas comovidas que se deslocam aos grandes estádios, os noticiários esportivos que ocupam grande parte da grade televisiva, sendo assunto nos restaurantes, nos pontos de ônibus, nos bares e nas esquinas. Encontrar alguém que esteja vestido com a camisa do seu time já é motivo o suficiente de simpatia e de compartilhar uma boa discussão, seja sobre a situação do clube ou sobre uma amenidade qualquer. Até aqueles que não gostem ou não acompanhem qualquer time, o futebol não passa despercebido na vida cotidiana.

Ao nos depararmos com o futebol profissional, de contratos multimilionários e com uma grande faceta midiática, vemos como se globalizou. Os grandes eventos e a infinidade de notícias que cercam os clubes e os jogadores profissionais se tornaram cada vez mais internacionais. O futebol ganhou um cenário de destaque em todo o mundo e se expandiu enquanto negócio, passando a ser cada vez mais consumido. As marcas e os patrocínios ganharam espaço nas camisas, nos campos e até nos nomes das equipes e de seus estádios.

A importância do jogo, enquanto prática lúdica, notadamente diminuiu. Aos desavisados que observam a cidade é facilmente possível confundir as novas e modernas arenas (Figura 1) com os shopping centers ou algum centro de convenções². Segundo Seabra (2003, p. 269), o futebol profissional representa um ponto de chegada do processo de modernização do jogo:

² Vale ainda notar que essa semelhança não é fruto do mero acaso. Como um exemplo claro da modernização do futebol, a construtora responsável pela demolição do antigo Palestra Itália e construção da Arena do Palmeiras (Allianz Parque), a WTorre, também é conhecida pelo projeto do Shopping JK Iguatemi entre outros shoppings por todo o Brasil.

O futebol profissional praticado em São Paulo, de torcidas organizadas, com força de marca que rivalizam nos estádios e nas ruas, mostra um ponto de chegada de um processo de formação e desenvolvimento entre nós. Originalmente amador e de várzea, as práticas do futebol passaram por um vigoroso processo de profissionalização, com especialização de funções e racionalização técnica.

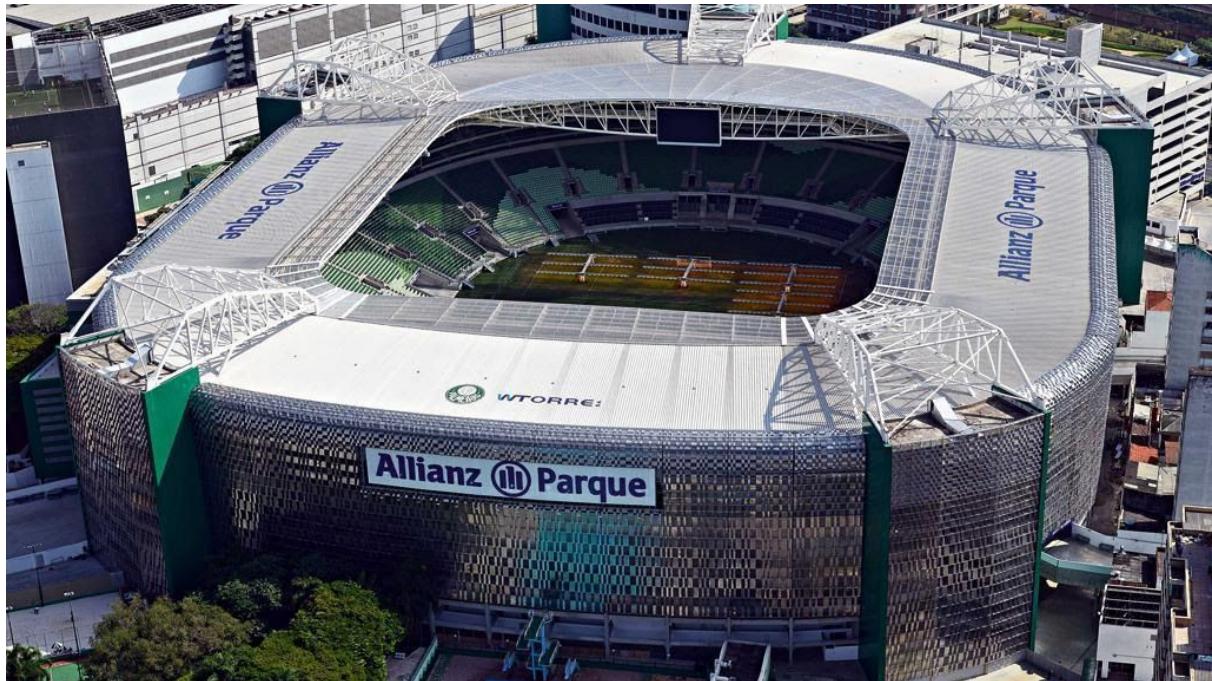


Figura 1. Allianz Parque, estádio da Sociedade Esportiva Palmeiras. Representante das modernas arenas em São Paulo. Fonte: Istoédinheiro.com.br, 2017

Para esta pesquisa não nos interessa propriamente o processo de profissionalização do jogo em si, nem como ele ocorreu. Todavia, é importante entender que o futebol tomou diversas formas enquanto prática social urbana na modernidade. A clivagem entre o futebol amador e o futebol profissional não significa uma total relação de oposição entre si. Pelo contrário, na dialética do futebol, o amadorismo e o profissionalismo estão implicados num mesmo processo de simbiose e negação em torno do jogo e de seus sentidos. Enquanto *práxis*, o

futebol é ao mesmo tempo produtor e produto do espaço urbano e, como tal, suas relações contraditórias espacializam-se na cidade.

Se o futebol profissional das grandes massas e das grandes arenas representa “um ponto de chegada” apontado por Seabra (2003), é no amadorismo que encontramos a expressão mais elementar do futebol enquanto prática social. Em São Paulo, as principais conformações do futebol amador são os clubes de fábrica e os clubes de várzea ou de bairro. Nos casos dos clubes de várzea, seus campos são auto construídos e as agremiações são financiadas pelos próprios membros dos clubes, pelos eventos sociais sediados em seus campos ou por alguma estrutura presente ali, como um bar, restaurante ou estacionamento. Como consequência, esses times vivem em grande instabilidade. Na mesma velocidade que parecem surgir, também desaparecem.

Diferentemente do futebol profissional, no amadorismo, o jogo, seus sentidos lúdicos e as emoções ainda são acessíveis aos díspares corpos ali presentes. Pouco importa a técnica, pouco importa o preparo físico, as condições do gramado ou a tecnologia, o importante mesmo é o jogo (Figura 2). Poder vestir o “manto” do time do bairro já é motivo o suficiente para estar num domingo de manhã, debaixo de sol, correndo atrás da bola que sai quicando desgovernada no terrão. Esse futebol de bairro - que produz, através do jogo, um conjunto de afinidades, relações e sentidos -, pode ser entendido, ainda, de acordo com Seabra (2008), como a primeira grande festa do povo fora da perspectiva da Igreja.



Figura 2: Campo de futebol amador em São Paulo, 2012. Crédito: Renato Stockler (Fonte: DocFoto).

É disto que trata este trabalho, da prática amadora do futebol de várzea que ainda resiste na grande metrópole, apesar de vir perdendo, nas últimas décadas, seu espaço; assim como a cidade vem também perdendo os seus espaços lúdicos.

A compreensão dessa temática se dará pelo entendimento da prática do futebol de várzea na cidade de São Paulo e também por meio do estudo de caso do Complexo Esportivo de Lazer e Cidadania do Campo de Marte.

Foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos na presente pesquisa: revisão bibliográfica, estudos de evolução urbana por meio de análise de mapas e imagens aéreas, e realização de entrevistas. Em virtude da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19) as entrevistas foram realizadas de forma remota, via Google Meet, plataforma que propiciou os encontros online, respeitando as medidas de distanciamento social. Também em função disso, foram poucas as pessoas que puderam se disponibilizar e tinham o domínio da ferramenta online, ocasionando um

número reduzido de entrevistas. Os entrevistados foram Otacílio Ribeiro, liderança na luta da preservação pelos campos de futebol de várzea em São Paulo e Secretário Geral do Complexo Esportivo do Campo de Marte; e Tadeu Kaçula, sociólogo e sambista, estudioso da questão dos territórios negros na cidade de São Paulo e autor do livro “Casa Verde: Uma pequena África paulistana” (2020), fundamental para o desenvolvimento da presente pesquisa.

A importância do estudo de caso reside no fato de que, inserido no contexto de expulsão e desaparecimento dos campos de futebol de várzea na cidade de São Paulo, o referido complexo é um exemplo de resistência. Ali, há décadas sobrevive um conjunto de campos onde se reúnem, semanalmente, milhares de pessoas e dezenas de clubes amadores. Também estão presentes as sedes sociais dos clubes mantenedores do complexo, palcos de inúmeras manifestações populares da Zona Norte paulistana. Nesse sentido, o Complexo Esportivo de Lazer e Cidadania do Campo de Marte pode ser entendido como um espaço de resistência e preservação dessas práticas lúdicas, que há décadas vem perdendo espaço na produção da cidade de São Paulo.

Ainda que seja um espaço onde essas práticas resistiram às transformações da metrópole, o referido complexo vive, desde a formação de seus primeiros campos, sob constante perigo de expulsão. O cenário de impermanência com que convivem os campos de várzea representa ainda uma ameaça ao conjunto de práticas sociais ali existentes, que perduram desde os tempos da formação dos bairros da Casa Verde e que fazem parte da identidade de seu território.

A temática do desaparecimento dos campos de futebol de várzea já é amplamente conhecida e debatida, tanto na academia como no senso comum, há décadas. Adauto (1999) enuncia que, desde sua chegada na cidade de São Paulo,

no final da década de 1950, os “antigos” já determinavam categóricamente que o futebol de várzea havia acabado. De certo, foram tantos os campos que já tinham sua existência condenada naquela época, que, para muitos, já naquele momento, o futebol de várzea caminhava para o seu fim. Contudo, fato é que, mesmo com o desaparecimento de muitos campos ou mesmo das várzeas, continuaram a se formar clubes em profusão.

Ainda que fosse tema de debate público desde meados do século XX, a discussão acerca do futebol de várzea passou, sobretudo, nas últimas décadas do século, por algumas transformações importantes. A exemplo disso, o estudo de tombamento do Parque do Povo (1988)³, que viria a reconhecer o valor cultural da prática do futebol varzeano no Estado de São Paulo, tornou-se um marco no debate ao tratar da importância da permanência de seus espaços. Desde então, na academia, se multiplicaram os estudos sobre a temática do futebol de várzea, seus conteúdos e as ameaças que cercam a sua prática. Inúmeras são as pesquisas que se debruçaram sobre a temática, sobretudo de trabalhos vindos da História, da Sociologia e da Antropologia.

Sobre o Complexo Esportivo de Lazer e Cidadania do Campo de Marte, muito tem sido pesquisado sobre sua importância para o futebol varzeano de São Paulo. Nesse sentido, a tese de mestrado de Raphael Favero, “A várzea é Imortal: abnegação, memória, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana” (2019), vem a descrever, por meio da experiência pessoal do pesquisador, as práticas, as ameaças e a constituição das agremiações ali presentes. O trabalho de Favero tem grande importância na presente pesquisa, pois descreve, por meio de sua leitura etnográfica, as práticas ali presentes.

³ CONDEPHAAT. Processo no. 26.513/1988. Estudo de tombamento do Parque do Povo.

É importante destacar, ainda, em relação ao Complexo do Campo de Marte, o reconhecimento recente do seu valor cultural pelo órgão de preservação municipal de São Paulo - o CONPRESP -, identificando-o como um lugar de memória do futebol de várzea na cidade, com a colocação de uma placa indicativa (projeto Memória Paulistana).

O enfoque da presente pesquisa incide sobre a prática do futebol e sua relação com o território, seja ele a cidade, a várzea, o bairro e o entorno imediato do estudo de caso. Pretende-se enfatizar o papel da prática do futebol de várzea na produção do espaço urbano, e, também, como essa produção impactou a prática, papel esse que implica a compreensão da construção de cidade a partir da várzea e de construção da várzea a partir da cidade. O enfoque adotado privilegia, ainda, a questão da identidade e do pertencimento em relação a um território amplo - a cidade e a várzea -, e, ao mesmo tempo, o território específico e determinado do complexo de Marte - o entorno imediato e o bairro.

Este trabalho se estrutura em quatro capítulos: O primeiro trata do futebol na modernidade, desde suas origens enquanto prática urbana na Inglaterra, até sua difusão e enraizamento na cultura urbana-industrial da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX. No segundo capítulo discutiremos as relações tecidas entre o futebol, a várzea e a cidade de São Paulo e como se transformaram ao longo do tempo. O terceiro capítulo abrange o estudo de evolução urbana do território da Casa Verde e um levantamento sobre os conteúdos que caracterizam os seus bairros. O quarto aborda o estudo de caso do Complexo Esportivo Campo de Marte, quando trataremos do processo de sua formação, discutiremos as práticas ali presentes e problematizaremos a temática do apagamento dos espaços lúdicos da cidade a partir de sua administração neoliberal.

Capítulo I

O futebol na modernidade

1.1 Origens na Inglaterra do séc. XIX

O futebol, tal como conhecemos hoje, tem sua origem e difusão na Inglaterra na segunda metade do século XIX. Como prática, já se disseminava entre a plebe inglesa desde o século XVI. Vinculado aos períodos de festividades religiosas camponesas, o futebol “primitivo” (GIULIANOTTI, 2010, p.17) se difundiu lentamente nos centros urbanos e ainda contava com o antagonismo da aristocracia rural inglesa⁴ (OLIVEIRA, 2012). Foi, contudo, a partir do processo de consolidação do jogo como esporte, ou seja, da sua regulamentação, junto à criação da Associação de Futebol (Football Association - FA), em 1863, que o jogo de futebol tomou novas formas e conteúdos na Inglaterra. A crescente massa de adeptos e praticantes rapidamente alçou o futebol como um aspecto central da cultura operária inglesa que, tal como sua indústria, rapidamente expandiu-se por suas fronteiras.

O futebol institucionalizou-se e, como a cidade industrial, racionalizou-se e profissionalizou-se. A modernização do jogo contribuiu para a rápida difusão entre os chamados “novos ricos”, vindos das classes de burgueses industriais e comerciantes (GIULIANOTTI, 2010) e, até o final do século XIX, já haviam sido criados miríades de agremiações e clubes de futebol. Campeonatos amadores e profissionais eram disputados por toda a cidade, mobilizando milhares de torcedores, que, mais que meramente espectadores, estavam envolvidos

⁴ Em seu artigo, OLIVEIRA (2012, p. 171) discute a marginalidade do futebol em relação à aristocracia rural inglesa: “o Futebol era visto como um ‘passatempo’ vulgar pela aristocracia agrária e o clero, que acreditavam que fosse uma atividade desregrada e induzia os camponeses à violência, sendo a causa de muitas mortes por todo o reino”. Ainda em 1835 o parlamento inglês tentava coibir através de leis a prática do futebol nas ruas inglesas, mesmo que com muita resistência da população (OLIVEIRA, 2012).

passionalmente com o futebol ou com o clube pelo qual se era aficionado. Inserido na sociedade industrial, o futebol passou a se tornar uma atividade lucrativa cada vez mais consumida:

Ao se tornar uma lucrativa e promissora indústria de entretenimento passivo para multidões, o futebol passou a aglutinar poderosos interesses comerciais que logo lhe atribuíram sentidos muito distintos daqueles até então vigentes, associados a uma pedagogia “mens sana in corpore sano”. Com o advento do futebol-espetáculo, entra em cena um novo tipo de atleta, adestrado pois se dedica exclusivamente ao futebol, vivendo-o como profissão remunerada e socialmente cobiçada, e que por isso encara cada partida como uma batalha. Estes novos protagonistas ajudarão a tornar o futebol uma verdadeira paixão popular na Inglaterra no final do século XIX. Algo que Hobsbawm (1991:262) classificou como uma espécie de “*religião leiga da classe operária*”. (MASCARENHAS, 2002, s.p.)

O futebol rapidamente associou-se à racionalização do amplo processo de modernização da sociedade industrial inglesa. Erigia-se uma sociedade com novos valores, novo modelo de acumulação e reprodução, e, enfim, um novo modo de vida. O futebol “devidamente disciplinado” era convergente e transmitia os valores e as virtudes da ideologia burguesa industrial (OLIVEIRA, 2012). O processo de industrialização, de produção da cidade industrial e a difusão do futebol como prática social são movimentos que possuem uma dialética própria e se alimentam simbioticamente: “as práticas lúdicas do futebol integravam com muita força as novas sociabilidades que a sociedade industrial punha em marcha” (SEABRA, 2003, p. 271).

Da mesma maneira que se acentuaram no tecido urbano a divisão do trabalho e o desenvolvimento técnico e tecnológico do modo de produção industrial, as práticas do futebol também passaram por grandes transformações, representadas sobretudo pela sua profissionalização. A consolidação do jogo em esporte modificou as relações e as lógicas da prática futebolística. Existe nesse

processo uma cisão entre o que é o jogo e o que é o esporte: o jogo é em si uma prática lúdica, espontânea, carregada de um universo infinito de possibilidades e sentidos, é o faz de conta real na vida cotidiana. Se o jogo se encontra nesse universo constituído de práticas e apropriações de sentidos, o esporte é regido por uma lógica racionalizante, uma estruturação e uma divisão de funções cada vez mais técnicas e especializadas.

O esporte na modernidade é uma força transmissora dos valores hegemônicos⁵ e, como tal, exige um controle cada vez maior em todos os âmbitos do jogo: controle do tempo, do espaço, do corpo, dos usos, das emoções e das possibilidades (GOMES, 2019)⁶.

1.2. O futebol e a disseminação da prática esportiva: os clubes de fábrica

É fato conhecido da bibliografia dedicada ao estudo do futebol que sua difusão internacional se deu de forma associada à expansão da indústria inglesa (ANTUNES, 1999; MASCARENHAS, 2002; OLIVEIRA, 2012; GIULIANOTTI, 2010). Os ingleses, para onde quer que tenham levado sua indústria, carregaram consigo também seu modo de vida e suas práticas sociais. Não à toa, no continente sul-americano. o futebol chegou, sobretudo, pelas cidades portuárias e capitais, onde o pioneirismo industrial notadamente foi acompanhado por uma profusão de

⁵ Ao estudar a relação de associação entre o esporte e a escola pública, Giulianotti (2010, p.18) destaca a importância dos esportes como um difusor dos valores burgueses emergentes: “Em 1928, Thomas Arnold tornou-se diretor de uma escola na cidade de Rugby e revolucionou a educação moral dos jovens ricos da nação. O esporte e a educação física foram fundamentais para essa missão. Os jogos foram introduzidos como uma estrutura de caráter, ensinando virtudes de liderança, lealdade e disciplina, sintetizando a nobre filosofia de *mens sana in corpore sano*.”

⁶ Em sua pesquisa “O Futebol Varzeano na Grande São Paulo: Os sentidos da modernização” o sociólogo Kae Gomes (2019) busca, a partir da sociologia, um entendimento do processo de “esportificação” do jogo. É dialogando com as ideias de Norbert Elias e Eric Dunning que Gomes identifica que o processo de modernização do jogo está ligado ao chamado “processo civilizatório” da sociedade moderna. Esse processo está ligado sobretudo ao “controle das excitações” e ao controle das emoções que se formularam a partir da categoria do lazer, o período do não trabalho na sociedade industrial (2019).

clubes de futebol amadores e profissionais que se formaram a partir da chegada da indústria nos finais do século XIX e início do século XX. São os casos de Buenos Aires na Argentina, Montevidéu no Uruguai e Valparaíso, no Chile (MASCARENHAS, 2002).

No Brasil, o cenário é diferente. Não há um consenso sobre qual cidade ou região tenha sido a “porta de entrada” do futebol no país, sendo possível encontrar em diferentes pesquisas respostas diversas. Ainda que essa entrada inicial não esteja evidente no cenário nacional, é na cidade de São Paulo que a prática urbana do futebol despontou de forma pioneira e onde rapidamente se difundiu. Mesmo não sendo uma cidade portuária, tampouco o centro político da época, São Paulo “foi sem dúvida a primeira cidade a organizar o futebol e vê-lo disseminando pelas ruas” (MASCARENHAS, 2002, s.p.)⁷.

Um dos caminhos para se compreender o pioneirismo do futebol em São Paulo passa justamente pelo entendimento do papel econômico e simbólico que a cidade desempenhou, sobretudo, no início do século XX. O grande crescimento da economia cafeeira, a infraestrutura ferroviária que se instalava desde a passagem do século, junto à explosão populacional, culminaram numa onda de investimentos da indústria inglesa na urbanização da capital paulista (MASCARENHAS, 2002). São Paulo industrializava-se através deste capital inglês, que trazia não apenas sua indústria, mas toda uma forma de se produzir e de se vivenciar a cidade, enfim, um novo modo de vida. Estabelecidas nas proximidades das ferrovias, que haviam se instalado em São Paulo nas margens dos rios, as indústrias foram ainda construindo

⁷ De acordo com Mascarenhas (2002), podemos afirmar que já nos anos finais do século XIX o futebol já era praticado em clubes, empresas de capital inglês e estabelecimentos escolares. Há registros (MAZZONI, 1968; apud MASCARENHAS, 2002, s.p.) da partida disputada na Várzea do Carmo no dia 14 de abril de 1895, entre as equipes inglesas São Paulo Railway x The São Paulo Gaz. O autor aponta, ainda, a reforma, em 1896, do velódromo da família Prado, na Consolação, para abrigar partidas de futebol (MASCARENHAS, 2002). O Mackenzie College seria, de acordo com Mascarenhas (2002), o primeiro clube formado essencialmente por brasileiros, fundado em 1898.

vilas operárias e realizando diversos investimentos urbanos na cidade, tendo um importante papel na industrialização-urbanização de São Paulo.

Com a instalação da indústria inglesa, chegaram também os imigrantes, em geral, ingleses técnicos ou mestres contratados para trabalhar e ensinar o trabalho nas fábricas. Com eles, vieram os seus costumes e práticas, típicos da sociedade industrial e moderna que se erigia na Inglaterra. Importado junto com o modo de vida industrial, a prática futebolística, que já impregnava a cultura dos fabris ingleses, veio “na mala” dos imigrantes. Assim que se viam livres do trabalho, tratavam de organizar as partidas de futebol. O número de imigrantes, no entanto, passou a ser um empecilho, tendo em vista que era insuficiente para formar duas equipes (ANTUNES, 1994). Logo, os trabalhadores brasileiros das fábricas passaram a ter um importante papel no jogo, tendo em vista que, sem eles, nenhum inglês jogaria futebol em São Paulo. O futebol foi se popularizando entre os trabalhadores e já mobilizava tantos adeptos dentro das fábricas que passaram a se formar times em profusão, extrapolando os horários das fábricas e invadindo o cotidiano dos bairros:

Aos poucos a brincadeira ia ganhando organização. Como muita gente queria participar, os times começaram a ser formados no interior de cada seção de uma mesma indústria. Com o crescimento do número de times mais partidas iam sendo realizadas, aumentando o tempo de jogo. Logo, só o intervalo do almoço não bastava. Estendeu-se, então, a atividade para os fins de semana. O gosto pelo futebol crescia e com ele as vontade de melhorar as condições de sua prática, de jogar como os ingleses, com equipes completas, uniformes, uma bola de couro, um campo, um lugar para se reunirem e guardar o material esportivo, enfim, vontade de organizar um “clube de futebol”. (ANTUNES, 1994, p.108)

Dessa formulação surgiram diferentes tipos de clubes de futebol nos bairros e nas fábricas da cidade de São Paulo. Os primeiros se caracterizaram por uma organização espontânea, de moradores e comerciantes do bairro, formando as

equipes de bairro que encontrariam nas várzeas dos rios os seus espaços para construir seus campos e estabelecer ali os seus clubes. No segundo caso, se, inicialmente, os clubes de fábrica se formavam por vontade dos trabalhadores fabris, no momento seguinte precisavam, para sua concretização, da intermediação da direção da fábrica, que passava, então, a tomar partido da organização e manutenção das práticas futebolísticas. Era, então, quando os clubes tomavam o nome da fábrica e a sua identificação, inserindo-se no campo das afetividades de seus trabalhadores. Essa ligação passou a interessar o empresariado fabril, que, além de fornecer espaços para a formação de seus clubes, investiram também no fardamento e no equipamento esportivo. (ANTUNES, 1994)

Esses dois tipos de clube, de fábrica e de bairro, viriam ainda a se cruzar de diversas formas, chegando a ocupar, em várias ocasiões, os mesmos espaços na cidade. A localização das indústrias próximas à ferrovia, adjacentes aos cursos dos rios, favoreceu a aproximação dos clubes de fábrica e os de bairro que se popularizavam na cidade. Esses dois tipos de clube se encontravam nas áreas de várzea, onde as inundações periódicas impossibilitavam a ocupação edificada da cidade. O futebol amador assim ia constituindo os seus próprios espaços.

O frenesi de transformações que a cidade de São Paulo viveu, desde o final do século XIX, serviu para difundir costumes e valores de uma cultura urbana industrial que ali se instaurava. A “febre esportiva”, assim denominada por Sevcenko (1992), encontrará condições mais concretas para sua realização nas décadas de 1920 e 1930, quando o esporte, os divertimentos e os entretenimentos passam a fazer parte da construção da modernidade. Nesse sentido, Sevcenko (1992, p. 52) discorre:

A atitude esportiva, nesse sentido ampliado, implica uma reformulação profunda da experiência da vida. Repudiando tudo quanto é artificial e postiço, tudo que embaraça os movimentos e sufoca a natureza, ela faz

convergirem a exterioridade latejante dos sentidos em liberdade e a profundidade dos instintos chamados ao contato da flor da pele. A paixão desinibida estendendo os limites da percepção, os sentidos e nervos superativados insuflando os ardores da natureza íntima. Toda essa energia excedente confluindo para alimentar movimentos coordenados de massa em circuitos fechados, embora entremeáveis e cumulativos. O esporte, como o Carnaval, como flerte em série, dentre outros, seria apenas mais um desses novos circuitos. Por isso mesmo, seu desenvolvimento seria tanto induzido quanto espontâneo, tanto bem-vindo quanto igualmente ressentido e obstado. A organicidade precípua que esse ativismo metododizado manifesta se refere sobretudo à sua própria consistência interna. Uma vez atingida uma dinâmica suficientemente acelerada, como aquela instilada pela Guerra, ele se alimenta de si mesmo e se multiplica por contágio e emulação. Seu caráter difuso, mais do que estabelecer padrões de ordem, suscita e sustenta um eriçamento dos estados de ânimo, que é tão mais produtivo quanto mais imediato, mais motor, mais coletivo e mais irrefletido.

Foi como uma ideia efervescente que essa nova sociedade industrial se erigia em São Paulo. Esse cenário de transformações contribuiu para que essas categorias, tais como o esporte e o divertimento, se tornassem tanto produtos quanto produtores do espaço urbano nas primeiras décadas do século XX. O futebol rapidamente se integrou nessa sociedade e se desenvolveu não apenas como um transmissor desses valores, mas também serviu como porta de entrada numa nova sociedade que ali se constituía. Um modo de vida moderno que pautava não somente o tempo do trabalho, mas que definia, também, os tempos e os espaços do não-trabalho na cidade.

A brincadeira (ANTUNES, 1994) passou a tomar outras dimensões à medida em que se tornava cada vez mais organizada. A exemplo do que aconteceu na Inglaterra, o futebol em São Paulo começou a ter suas próprias ligas amadoras e profissionais:

Quando o Brasil se consagrou pela primeira vez campeão sul-americano de futebol em 1919, com um time que contava com nada menos do que nove titulares paulistas, a premonição se confirmou: São Paulo era a maior potência desportiva da América Latina. (SEVCENKO, 1992, p. 53)

A dualidade se concretizava: desenvolviam-se formas tão distintas de futebol na cidade que se criou uma fissura entre as práticas e as conformações dos times de futebol amador e dos times profissionais que então se formavam.

Capítulo II

O Futebol, a cidade e a várzea

2.1. O futebol e a produção do espaço urbano paulistano

Em São Paulo, é no contexto daquela modernidade recém experimentada, no início do século XX, que o futebol não demorará a ser assimilado pela população local, se fazendo presente no cotidiano dos bairros que então se formavam:

Formaram-se times em profusão e os times de bairro defrontavam-se com os times de fábrica, com times de escola, com times de rua, com times de paróquia, com times de vila, com times de cidades. A rua de cima disputava com a rua de baixo e dentro de inúmeras fábricas havia disputas com festivais entre as seções de trabalho. (SEABRA, 2003, p. 271)

Ao afirmar que “o futebol está presente na nossa formação social ou na formação social brasileira desde tenros momentos em que a modernização começava a revolver os modos de vida”, Seabra (2008, p.131) destaca o papel centralizador que o futebol tem em relação às práticas sociais na produção do urbano em São Paulo. Entendendo a urbanização como um processo que redefine os modos de vida, produzindo-se em extensão e profundidade, Seabra (2003) se debruça sobre o estudo do bairro como a escala mais elementar da produção do espaço urbano. Em sua pesquisa sobre o bairro do Limão, a geógrafa esmiúça as relações e as práticas da vida de bairro, esta que possuía uma unidade orgânica própria, “um em si, que aparecia como uma comunidade de bairro” (SEABRA, 2008, p.137).

Segundo a pesquisa de Seabra (2003), a vida de bairro viria ainda a produzir conteúdos próprios na cidade de São Paulo. Enquanto partícula elementar da urbanização paulistana, o bairro produziu enraizamentos territoriais definidores dos

usos do tempo e dos espaços, que constituíram o modo de vida urbano que se erigia em São Paulo nas primeiras décadas do século XX. Não à toa, o bairro possuía uma “cara própria”. Seja étnico, fabril ou de imigrantes, o bairro foi um elemento de identidade e de auto afirmação das particularidades no espaço urbano (SEABRA, 2008).

Como forte elemento agregador de práticas distintas, o futebol de várzea mobiliza praticamente todos os personagens presentes no bairro: as crianças, os idosos, adultos, toda família, os homens, mulheres, trabalhadores, estudantes e comerciantes. A festa do futebol tornou-se também a festa do bairro, passando os seus campos a ser o palco das práticas sociais do bairro. O carteado, o bingo, os churrascos de aniversário, junto a tantas outras práticas que caracterizavam o cotidiano e a festa no bairro, associaram-se às agremiações que tomaram cada vez mais importância na produção do espaço urbano:

[...] nos alvares da industrialização, quando a população proletária se acomodava nos arrabaldes da cidade, formaram-se lideranças locais que se envolveram desde muito cedo, aqui em São Paulo, com o futebol. Conhecidos por paredros, os articuladores de futebol nos times, grêmios e clubes faziam política no nível local. Nesse sentido, essas organizações voluntárias, como eram os clubes, serviam à formação e estruturação da vida civil pública. Os contingentes de população migrante encontravam nos clubes a porta de entrada nessa sociedade mais complexa criada pela industrialização. (SEABRA, 2003, p. 269)

Para abrigar o contingente populacional mobilizado pelo processo de urbanização-industrialização que se acentuou em São Paulo durante o século XX, a construção de novos bairros em direção às periferias da cidade se multiplicou no território paulistano. Os bairros, assim, se formavam de acordo com as necessidades da industrialização que, cada vez mais longe do centro, davam margem para o surgimento de vilas operárias sobretudo nas proximidades das ferrovias e de suas estações (SEABRA, 2003). Acompanhados pelo modo de vida

urbano industrial, a expansão dos bairros em direção à periferia também levavam o futebol que, enquanto prática e centralidade da vida cotidiana, se enraizou em praticamente todos os bairros recém formados.

2.2. A cidade e a várzea

A comparação entre as duas plantas de São Paulo (Figuras 3 e 4) mostra um movimento da urbanização que, nos finais do século XIX, ainda se restringia à área entre os rios Tietê e Pinheiros, com exceção do núcleo de Santana que se espraiava além do Tietê, ao norte, com o surgimento das áreas de Vila Maria e Vila Guilherme, entre outros, na década de 1920. Também se verifica o adensamento da área central. Claramente as várzeas dos referidos rios apresentam-se como limites à infraestrutura e ao adensamento urbano.

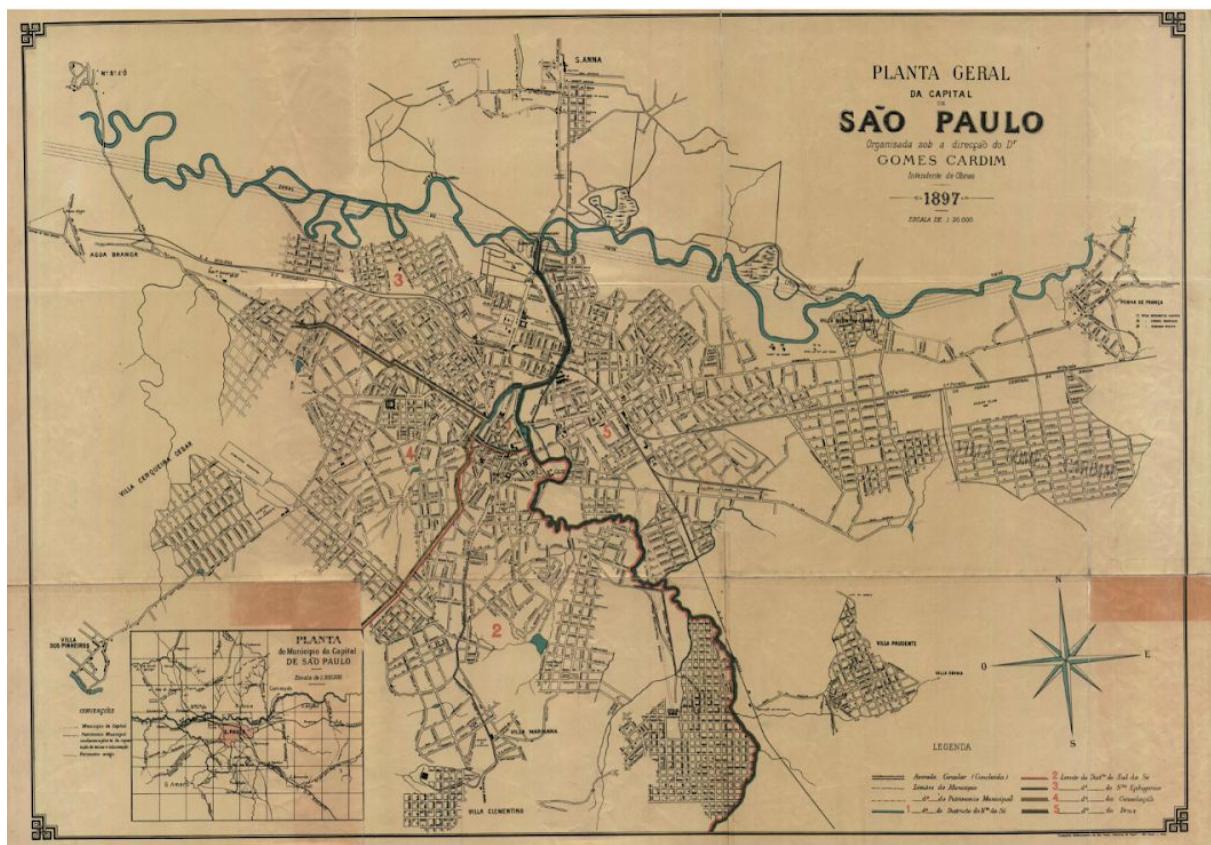


Figura 3: Planta da cidade de São Paulo de 1897. (Fonte: arquiamigos).



Figura 4: Planta da cidade de São Paulo de 1924. (Fonte: PMSP).

Nas primeiras décadas do século XX, a urbanização de São Paulo já se estendia em direção às periferias da cidade devido ao grande contingente populacional que para lá se dirigia a fim de atender às demandas do processo de industrialização. Concomitantemente a esse processo, havia ainda o contingente populacional que se viu obrigado a se direcionar para os novos bairros da periferia, uma vez que o centro tinha passado por um amplo processo de modernização e, consequentemente, de valorização imobiliária. Com o crescimento explosivo do início do século XX, não tardou para que a cidade fundada entre rios encontrasse

nos largos corpos da água que a cercavam uma limitação física para o seu crescimento.

As várzeas paulistanas são formadas por alongadas planícies de relevo quase nulo, cuja formação geomorfológica obedece às normas clássicas da sedimentação em planícies de inundação, com abundantes e extensas lentes de areia e largas quantidades de argila, transportadas pelas enxurradas de águas calmas durante a ascensão ou declínio da inundação (AB'SABER, 1958). Sua extensão, nos rios Tietê e Pinheiros, pode chegar a 3 km, compreendendo níveis altimétricos entre os 719 e 724 metros (Figura 5).

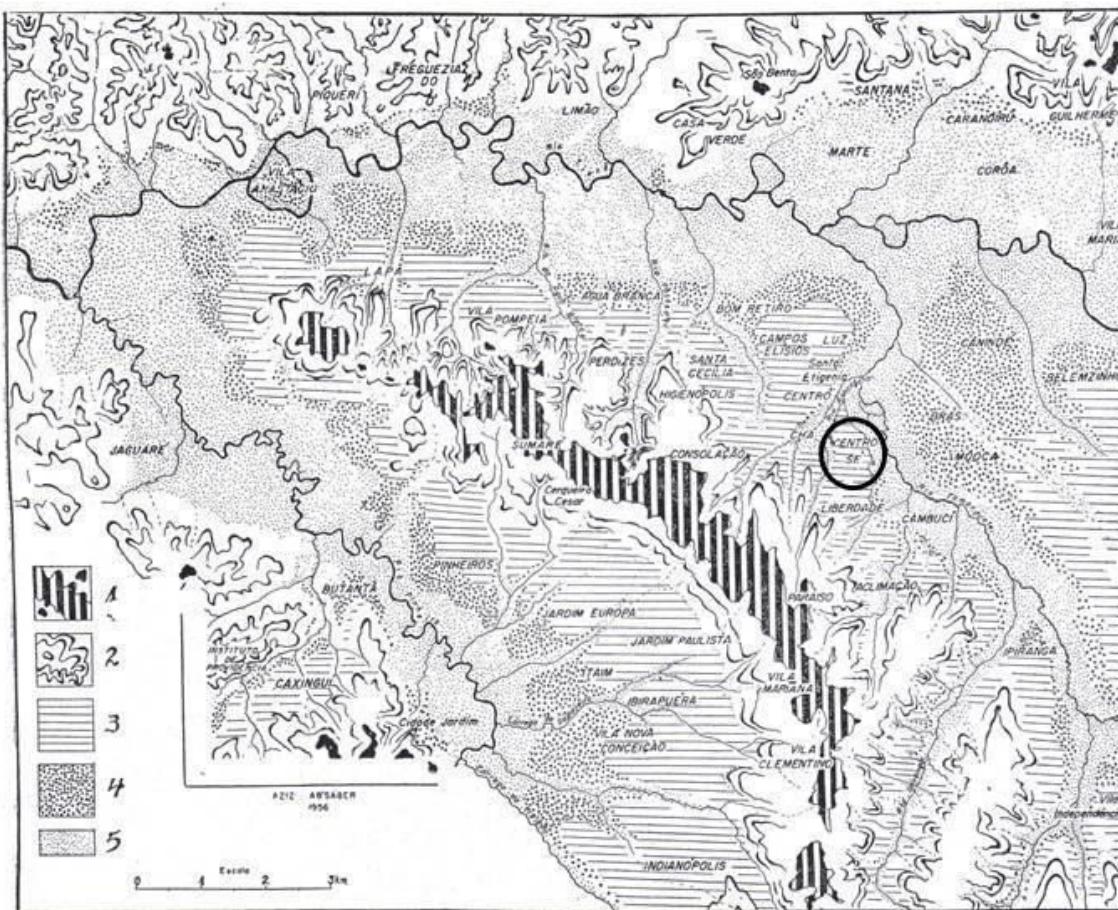


Figura n.º 35.
MAPA GEOMORFOLOGICO ESQUEMATICO DO BARRIO URBANO DE SAO PAULO.

1. O Espigão Central (800-820 m). Plataforma interfluvial Tietê-Pinheiros: principal remanescente de superfície de erosão de São Paulo, no interior da bacia sedimentar paulista. Nas colinas de além-Tietê e além-Pinheiros as plataformas interfluviais análogas estão muito mais dissecadas.
 2. Altas colinas e espigões secundários esculpidos nas abas das primitivas plataformas interfluviais das colinas paulistanas (750-795 m).
 3. Terraços fluviais de nível intermediário (745-756 m). Principal nível de strati-terrace das colinas paulistanas. Plataformas interfluviais secundárias esculpidas nas abas do Espigão Central e dotadas de uma tabularidade local marcante.
 4. Baixos terraços fluviais dos vales de Pinheiros, Tietê e seus afluentes principais. Nível de terraços flúvio-aluviais de tipo fill terrace , em geral mantidos por cascos lheiros e aluvíones antigos. A mapeação dos baixos terraços dos vales secundários tem um grau de precisão muito relativo. Altitude Média dos baixos terraços: 725-730 m.
 5. Planícies aluviais de Tietê-Pinheiros e seus afluentes. Em geral dotadas de dois níveis aluviais: um, raso, baixo e submersível, outrora afetado por cheias anuais; e, outro, ligeiramente mais alto e menos encharcado sujeito apenas às cheias periódicas. Nível médio das planícies: 720-722 m.
- Nota: Não foram mapeados os terraços estruturais mais elevados e nem os pequenos casos de terraços desdobrados.

Figura 5: Mapa geomorfológico da cidade de São Paulo. (Fonte: AB'SABER, 1958).

Os terrenos de várzea representaram um limite físico ao crescimento da cidade (Figura 6), pois, por conta de seus terrenos pouco firmes, devido à sua estrutura argilosa e das constantes cheias dos rios, de acordo com AB'SABER

(1958, p. 25), “contam-se nos dedos os embriões de bairros que ousaram enraizar-se em terrenos de várzea”. O geógrafo descreve os usos que se estabeleceram nos terrenos varzeanos da cidade:

Enquanto a cidade permanecia nas colinas e por elas se expandia nas mais diversas direções e planos altimétricos, as várzeas paulistanas mantiveram-se com uma história urbana muito modesta e marginal. Por muitos anos, foram uma espécie de quinta geral dos bairros encarapitados nas colinas. Serviram de pastos para os animais das antigas carroças que povoaram as ruas da cidade. Foram uma espécie de *terra de ninguém*, onde as mais diversas corporações militares da cidade fizeram seus exercícios bélicos. Serviram de terrenos baldios para o esporte dos humildes, tendo assistido a uma proliferação incrível de campos de futebol, de funcionamento periódico devido ao ritmo do clima e ao regime dos rios regionais. (AB'SABER, 1958, p. 25)⁸

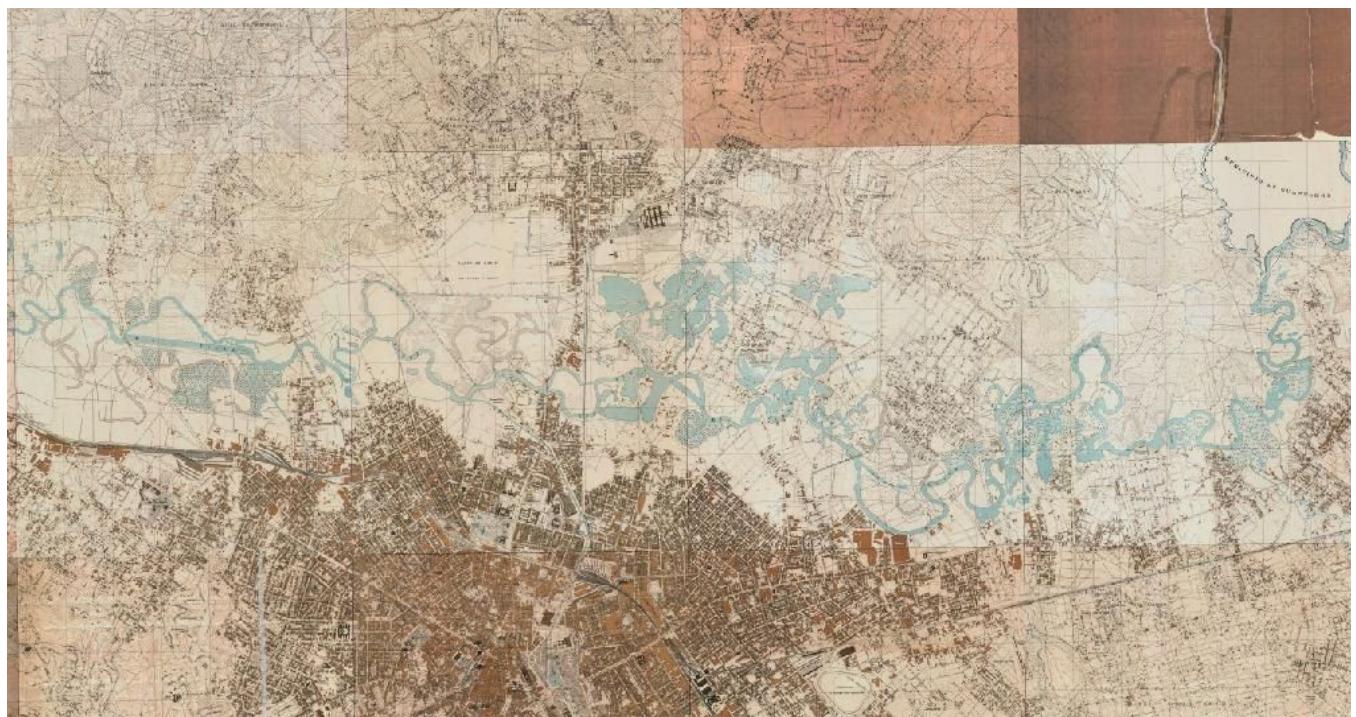


Figura 6: A várzea do rio Tietê em 1930. (Fonte: Sara Brasi).

⁸ Vale notar ainda as atividades de extração de areia e argila que se proliferaram nos terrenos de várzea, as olarias que ajudaram a extrair a matéria prima da urbanização da cidade. (AB'SABER, 1958)

2.3. Apropriação da várzea: o futebol como prática social

Dentre as práticas do futebol amador em São Paulo, talvez o exemplo mais emblemático de seu enraizamento no espaço urbano seja o futebol de várzea. Constituído desde o início do século XX como prática lúdica da cultura popular de São Paulo, o futebol de várzea é resultado da apropriação das classes trabalhadoras de uma modalidade futebolística:

[...] o futebol foi, aos poucos, se popularizando e fazendo adeptos por todas as camadas sociais. Em meio à classe trabalhadora, nas fábricas e nos terrenos descampados dos bairros operários, ele conquistou uma posição de destaque. As margens dos rios foram transformadas em campos de futebol e passaram a funcionar como ponto de encontro e divertimento de trabalhadores e suas famílias. (ANTUNES, 1994, p.102.)

Nas primeiras décadas do século XX já haviam se estabelecido centenas de campos de futebol nas planícies fluviais dos bairros de São Paulo (FAVERO, 2019). Desde as margens dos rios Tamanduateí, Tietê e Pinheiros às pequenas várzeas dos córregos que percorrem os bairros e baixadas da cidade paulistana, os campos de terra batida se fizeram presentes na vida cotidiana dos bairros populares de São Paulo (ADAUTO, 1999):

[...] foram as várzeas um espaço de representações da vida, quer como lugar de recreação da população paulistana, interessando às práticas do futebol de várzea, quer como objeto simbólico, na lírica dos poetas da cidade. Nas várzeas instalaram-se clubes e inúmeros campos de futebol, que ganharam centralidade na vida dos moradores da cidade pela grande mobilização gerada por essas práticas. (SEABRA, 1987, p.60)

Ressalta-se, também, que houve uma ocupação de trechos das várzeas pelos clubes esportivos, mais ou menos elitistas, dependendo do caso. Inicialmente, vinculavam-se mais ao uso dos rios Tietê e Pinheiros para remo, como os clubes Espéria, Tietê, São Paulo Athletic, Corinthians e Pinheiros. É importante notar, ainda, que em 1922 inaugura-se o projeto para o Parque Dom Pedro II, na várzea do Rio Tamanduateí.

Ainda assim, as várzeas dos rios foram apropriadas como espaço lúdico pelas classes populares e, de acordo com Favero (2019), propiciaram meios de circular e estabelecer relações na cidade através de partidas, torneios e festivais, promovidos por diferentes agremiações em diversas regiões de São Paulo. Ali, nos terrenos de várzea, nas primeiras décadas do século XX, onde as áreas edificadas da cidade tinham encontrado um limite, o futebol, junto a outras práticas sociais lúdicas na cidade, sobretudo as rodas de samba, se instalaram e se multiplicaram. Seus frequentadores atribuíram à várzea um significado simbólico, pois encontravam nela uma representatividade de seu modo de vida e de seus sentidos sociais.

Como o futebol amador em geral, o futebol de várzea é formado a partir da espontaneidade de grupos de moradores, estudantes e trabalhadores locais que, durante o tempo de ócio⁹, se reúnem diariamente para disputar suas partidas de futebol. Como prática social, o futebol de várzea se produziu dentro de um universo de apropriações e sentidos que gravitam em torno do jogo. A atividade lúdica do jogo se desenvolveu produzindo e afirmando identidades dentro do espaço urbano, sendo elemento de forte integração das novas sociabilidades que a sociedade industrial impunha¹⁰:

(...) “o jogo”, “o jogar” veiculava paixão, ocupava os corações e as mentes. Como pano de fundo, passava a fornecer substância para muitos que, como rituais cotidianos, preenchiam de muitos significados aquele

⁹ Em sua pesquisa, Seabra (2008, p. 132-133) denota que o ócio, na sociedade do trabalho, é representado pelo tempo do trabalhador que não é dedicado especificamente aos processos produtivos: “O mundo do trabalho que se foi definindo em torno do processo de industrialização foi criando estruturas espaciais funcionais, tais como o espaço das fábricas, as vilas operárias, e até formou bairros inteiros de operários. O trabalho começava a determinar formas de emprego do tempo. Nessa pesquisa pude descortinar que o tempo de trabalho não chegava a ser um tempo total, dizendo melhor: todo o tempo não era de trabalho para todas as pessoas. Nesse sentido, chamo de ócio o tempo intersticial que a sociedade do trabalho necessariamente comporta, essencialmente porque se estabelecia sobre a base de uma sociedade tradicional, na qual a posição dos indivíduos não se definia em relação ao trabalho e ao capital. A sociedade do trabalho em formação permitia o ócio; um tempo que não pertencia a fábrica, aos processos produtivos.”

¹⁰ Sobretudo pelos migrantes.

âmbito de vivência coletiva que se formava por volta do futebol, em todo entorno de São Paulo, nos bairros proletários (SEABRA, 2003, p. 274)

As agremiações de várzea são financiadas com *sacrifício* (FAVERO, 2019, p.52) pelos membros do clube que, com investimento próprio, rifas e outras atividades que gravitam em torno dos campos, sustentam o time e a manutenção de seus campos. Essas agremiações não se constituem como entidades de cunho empresarial; pelo contrário, são frutos da organização popular de trabalhadores e moradores de bairro (SCIFONI, 2013).

Implicado nesse universo de sentidos e apropriações sociais, o futebol de várzea se reproduziu através das relações cotidianas da vida de bairro. Os mutirões, as associações, o coleguismo e o compadrio são conteúdos da comunidade de bairro fundamentais para a constituição do futebol de várzea enquanto prática social:

Relatos que realçam mobilizações, articulações e sacrifício, bem como autofinanciamento, mutirões e conquistas por meio de alianças e de relações de coleguismo e amizade, são elementos corriqueiros aos processos de ganho e manutenção desses espaços. Essa maneira de conquistar e edificar os espaços dos campos, marcados pela ação de luta de pessoas e coletividades, culminam também em uma determinada maneira de ser e de se relacionar com esses espaços. (FAVERO, 2019, p. 52)

Palco da festa do futebol amador na cidade de São Paulo, os campos de futebol de várzea são construídos a partir da organização de um ou mais clubes e sua viabilização é fruto de grande esforço e mobilização social (FAVERO, 2019). O futebol de várzea produziu uma espacialidade própria, regida por um conjunto de relações que se definem pelas possibilidades e pelas apropriações do espaço e de sociabilidades ali impregnadas. Essa produção espacial é deveras contrastante com a produção da cidade industrial que, a partir da inflexão produzida pelo processo de

industrialização sobre a produção do espaço urbano (SEABRA, 2008), se reproduzia a partir dos conteúdos e da lógica da acumulação industrial de capital. Scifoni (2013) traz ao debate sobre os campos de futebol de várzea a concepção de uma paisagem *vernacular* proposta por ZUKIN:

Arquitetos e historiadores de arte utilizam o termo “vernacular” ao se referirem às tradições comuns de um lugar ou cultura. Entretanto, prefiro usar “vernacular” para me referir à construção tanto de edifícios quanto das relações sociais feitas pelos desprovidos de poder, em contraste – e frequentemente em conflito – com a paisagem imposta pelos detentores de poder. Dessa forma, em contraste com os palácios dos governadores coloniais ou as catedrais dos bispos, temos o vernacular das pequenas casas dos pobres e das favelas. Há sempre alguma tensão entre o que as instituições poderosas, entre elas o Estado, querem construir –em razão da glória e do lucro – e as criações dos sem-poder. (ZUKIN, 2000, p.106, apud SCIFONI, 2013, p. 137).

Em seu estudo sobre o tombamento do Parque do Povo e as práticas do futebol de várzea historicamente ali presentes, Scifoni (2013, p. 137) se apropria da concepção de vernacular proposta por Zukin (2000), chegando a uma interpretação que aqui nos interessa: “Quer pela via da tradição da cultura popular, mas principalmente pelo seu caráter de produção espacial dos sem-poder, o Parque do Povo pode ser lido, portanto, a partir do que a autora chamou de vernacular”. Em relação ao futebol e sua produção espacial, o futebol varzeano pode também ser entendido como o vernacular, entendido na proposição de Zukin (2000) e Scifoni (2013). Seria o futebol de várzea uma obra do universo de apropriações e possibilidades, típicas da produção espacial dos sem-poder.

A partir dessa concepção fica evidente que o processo de urbanização enquanto força produtiva da sociedade não se dá de forma homogênea sobre o espaço. É um movimento que se produz a partir da dialética entre o velho x novo, a apropriação x propriedade, o ócio x negócio, o valor de uso x valor de troca, que parece se perpetuar na lógica de transformação da cidade histórica em cidade

industrial. O processo de industrialização não materializa uma evidente superação do arcaico pelo moderno; pelo contrário, o moderno e o não-moderno se articulam, formando uma unidade problemática. Em outras palavras, ao realizar-se como totalidade, o processo de modernização (re)produz ao mesmo tempo o moderno e o não moderno de forma fragmentada no espaço urbano.

2.4. A transformação da várzea na metrópole paulistana

Concomitantemente ao processo de apropriação lúdica dos terrenos de várzea, a modernização que se desdobrou sobre o processo de urbanização de São Paulo resultou na estruturação do potencial industrial e construtivo de seus espaços urbanos. São Paulo industrializava-se e tornava-se o carro chefe da modernização brasileira. Responder às demandas desse processo implicava em empreender força e vontade política para que fosse possível sua realização. No avassalador processo que estruturou a cidade de São Paulo como a maior metrópole do país, investiu-se grande quantidade de recursos financeiros, além de capacidade científica e técnica (SEABRA, 1987).

A transformação dos principais rios e de suas várzeas, até então pouco ocupadas pela produtividade urbana, em eixo estrutural metropolitano, ligando São Paulo às outras municipalidades da região metropolitana, esteve no centro do processo de metropolização paulistana. A canalização dos rios, as represas, o complexo energético estruturado e o moderno sistema viário criado a partir das vias marginais, possibilitou usos distintos dos terrenos de várzea. Foi a partir dessas grandes intervenções que foi possível a ocupação que estruturou a conexão e a

acessibilidade necessária para que se estabelecesse a metropolização da cidade de São Paulo (SEABRA, 1987).

A várzea paulistana passou, sobretudo durante as décadas de 1920 a 1950, por grandes transformações. As obras de grande magnitude ocorridas nesse período, tal qual a retificação dos rios Tietê e Pinheiros, bem como a drenagem e instalação das vias marginais (Figura 7), redefiniram as possibilidades de ocupação das áreas varzeanas, intensificando a procura por seus terrenos. Logo, os terrenos da várzea passaram por uma sobre-valorização, como destaca Seabra (1987, p.17), apontando que as várzeas não só atraíam os usos industriais da cidade, mas também passaram a ser ocupados por atividades terciárias, que buscavam uma alta capacidade de mobilidade viária.



Figura 7. Obras de Retificação do rio Tietê em 1969. (Fonte: saopauloinfoco.com.br).

Acelerando-se sobretudo a partir dos anos 1950, após o término das grandes obras estruturais, o processo de valorização dos espaços varzeanos deu o “pontapé inicial” na expulsão dos campos de futebol das várzeas da cidade. Constitui-se um mercado de terras sobrevalorizado voltado à racionalização da lógica metropolitana, em que o tempo e o espaço para os usos lúdicos da várzea já não cabem mais no ritmo de produção da cidade. Seabra (1996), ao retomar a perspectiva lefebvriana sobre a relação conflituosa entre os valores de uso e os valores de troca na cidade industrial, debate sobre a inflexão da lógica em relação ao cotidiano vivido e afirma:

Ali se localizará um embate entre o uso como apropriação e a troca como propriedade. O uso está sempre guardado no costume, fundando modos de ser. A troca também implica, no seu desenvolvimento, modos de ser, pois como lógica que é ditará sempre o ser racional. [...] Então, tendo que uma racionalidade imposta altera uma forma específica de uso, e não esquecendo que o uso é um emprego do tempo, conclui-se que ela implicará uma alteração de costume. (SEABRA, 1996, p. 80)

É nesse movimento de alteração dos usos, de alienação dos espaços das várzeas, que o desaparecimento dos campos de futebol das planícies fluviais se intensifica. A várzea constituída como propriedade, como valor de troca, expulsou os campos e as agremiações que se apropriaram dos terrenos varzeanos, levando também as práticas culturais e a representatividade social a eles vinculadas. No embate entre o costume, repleto de apropriações e afetividades, e a propriedade, implicada na acumulação metropolitana, prevalece como uma necessidade imperativa o valor de troca na produção do espaço urbano.

No entanto, é justamente nos significados simbólicos e nas afetividades que se encontram, ainda, os resíduos dos costumes, das práticas sociais. Ainda se joga futebol na cidade com muito amor, afirma Adauto (1996, p.126) ao constatar que “o futebol da cidade não morreu. Só mudou de lugar”:

É preciso entender que tudo mudou, mas que está longe, muito longe de acabar. O amor continua o mesmo, as disputas são até mais intensas, mesmo que o número de campos seja menor, os espaços livres para a bola de meia rareiem e a cidade já não seja tão romântica como no passado. Mas ainda são centenas os campos de várzea, milhares os times, muitos deles com 50, 60, 70 anos de vida sem nunca interromper suas atividades. (ADAUTO, 1996, p.122)

Para onde quer que tenha sido levado na cidade, o futebol carregou consigo o significado simbólico da várzea e de seus sentidos sociais. Não à toa, o futebol amador, seja jogado no topo da colina, nas vertentes dos morros ou em qualquer lugar da cidade onde tenha um terreno de terra batida com duas traves, será ainda o “futebol de várzea”. A identidade do *varzeano*, repleta de afetividades e sentidos simbólicos, se alterou, mas resiste na cidade de São Paulo, ainda que muitas de suas várzeas já tenham sido vencidas, engolidas pela modernização. É, sobretudo a partir do futebol, que encontramos os resquícios dessa identidade, mesmo que longe dos terrenos de várzea.

Capítulo 3. O território da Casa Verde

3.1. Evolução urbana

Nosso estudo de caso, referente ao Complexo Esportivo de Lazer e Cidadania do Campo de Marte, situa-se no território da Casa Verde, na Zona Norte de São Paulo. A denominação “território” justifica-se pela intenção de evitar a nomenclatura de bairro a um espaço complexo em que coexistem distintas partes - mais próximas aos sentidos de pertença de bairro -, como o Parque Peruche, a Casa Verde Alta, a Vila Baruel e o Jardim São Bento, entre outros pedaços com os quais se identificam distintos grupos sociais. Também se evitou falar em “distrito”, nomenclatura mais relacionada à divisão administrativa da cidade, que parece desprovida daqueles sentidos.

Apesar dos campos estarem localizados no distrito de Santana, o referido Complexo faz parte da vida cotidiana dos bairros da Casa Verde. Portanto, será tratado como um espaço de pertencimento da população que vive no território da Casa Verde, sendo considerado por muitos de seus moradores, sobretudo os mais velhos, como o “Quintal da Casa Verde” (FAVERO, 2019).

Mapa de Localização: Casa Verde



Figura 8: Mapa de localização do distrito da Casa Verde. (Fonte: Elaborado pelo autor com base em: Geosampa).

Conforme já vimos no item sobre a cidade e a várzea, o mapa Sara Brasil, que registra a urbanização da cidade em 1930, quando as obras de retificação dos rios Tamanduateí, Tietê e Pinheiros tinham apenas iniciado, mostra como os rios impunham limites naturais ao crescimento urbano de São Paulo e como os terrenos ao lado norte do rio Tietê começavam a ser loteados em suas partes mais altas.

Ainda se via o rio, seu leito natural, meandrônico, com áreas de várzea extensas, formando uma planície de inundação que condicionava os usos urbanos da cidade. Os terrenos varzeanos ainda não haviam sido incorporados às áreas produtivas de São Paulo - exceto naqueles territórios cortados pelas linhas férreas, ao longo das quais se instalaram fábricas e olarias -, visto que o rio tinha cheias frequentes e sua ocupação demandaria grandes obras de drenagem (PESSOA, 2019). Os usos urbanos da várzea eram marcados pela vida cotidiana dos bairros lindeiros aos rios da cidade, dava lugar à atividades de lazer, sobretudo o futebol de

várzea, que chegou a contar com mais de mil campos na primeira metade do século XX (PESSOA, 2019).

A Casa Verde faz parte dos territórios da zona norte da cidade marcados pelo rio Tietê e sua várzea, praticamente sem ocupação até o final dos anos 1950, conforme nos indica Mendes (1958, p. 207):

À margem direita do rio Tietê, uma vasta área que se estende tanto para o norte, como para nordeste e noroeste do núcleo principal da cidade de São Paulo, localizam-se numerosos bairros que se diferenciam sob vários aspectos, mas que apresentam características semelhantes, quer no que concerne ao sítio urbano, quer quanto às funções.

Todos eles se acham nitidamente separados da principal área da metrópole, não apenas pelo largo leito do rio paulista, mas sobretudo pela grande várzea por ele construída - vasta e alongada planície aluvial, periodicamente inundada por suas águas antes das obras de retificação e canalização, e, por isso mesmo, mantida vazia até quase os nossos dias.

Distinta da ocupação do centro de São Paulo, a expansão urbana em curso estava voltada às propriedades menores, menos valorizadas que nas zonas centrais. Dessa forma, os lotes foram sendo ocupados, fora das áreas de várzea, mas próximas a elas (Figura 9), pelo “mercado popular de terras”, por quem não tinha as condições sociais e econômicas de habitar nos valorizados bairros centrais da cidade, destinados aos grandes proprietários e barões do café (KAÇULA, 2020)

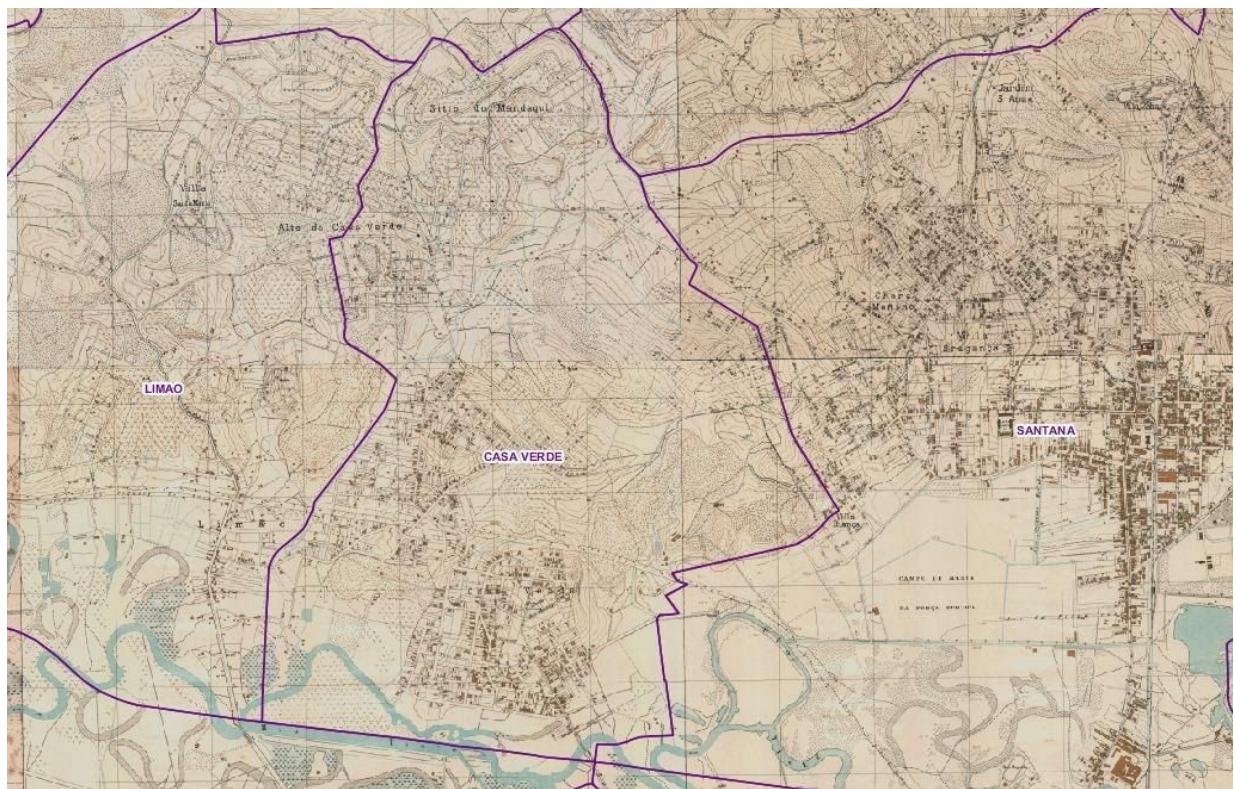


Figura 9: Atual distrito da Casa Verde delimitado em aerofotogrametria. Sara Brasil, 1930. (Fonte: Geosampa).

Na Figura 10 vemos as áreas próximas de onde hoje está situado o Complexo Esportivo de Lazer e Cidadania do Campo de Marte. Do ponto de vista morfológico, os lotes são estreitos, com testadas de pequena extensão. Nos lotes menores se identificam pequenas edificações que não ocupam a sua totalidade, com os fundos utilizados provavelmente como quintais e fachadas de frente para a rua, sem recuos de frente. Os lotes maiores são majoritariamente desocupados, sem edificações ou identificação de uso.

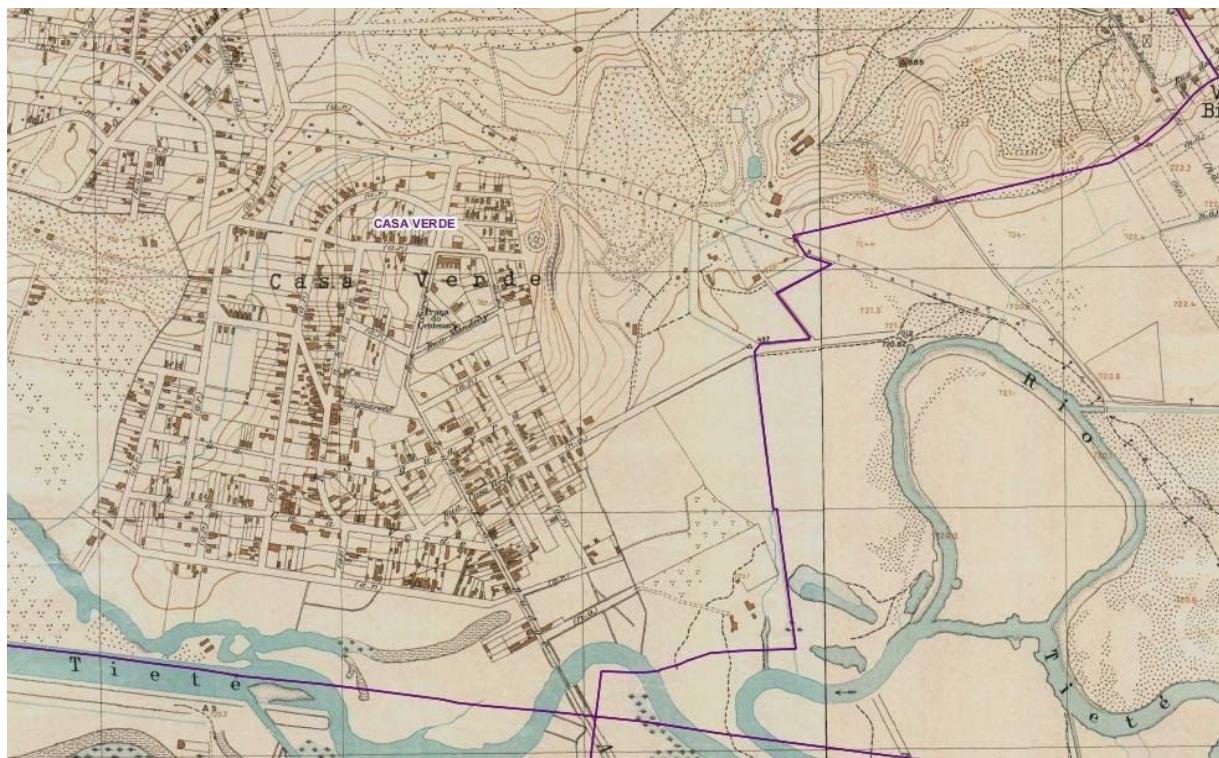


Figura 10: Detalhe da Casa Verde Baixa, onde está localizado o Complexo Esportivo de Lazer e Cidadania do Campo de Marte. Sara Brasil, 1930. (Fonte: Geosampa).

As imagens aéreas de 1958 (Figura 11) mostram uma nova feição urbana do recorte da pesquisa. Os lotes na Casa Verde Baixa já tomavam a maior parte dos terrenos do bairro. Grande parte das edificações já se estendiam na totalidade dos pequenos lotes indicando um adensamento construtivo e populacional.

A retificação do rio Tietê já estava quase completa, restando poucos resquícios de seu leito meandrônico. As obras de canalização e drenagem possibilitaram a ocupação das áreas da várzea e a incorporação de seus terrenos à urbanização da cidade, irrompendo as descontinuidades formadas pelas planícies de inundação. A construção de uma das pistas da Marginal Tietê também já estava completa e possibilitou a conexão rodoviária no eixo leste-oeste da cidade. Dava um novo sentido às margens do rio, que passaram a ser um meio de locomoção na cidade e escoamento de produtos, favorecendo a instalação de galpões e indústrias nas proximidades da via. A cidade estava em pleno processo de metropolização e

uso das marginais, que percorrem os caminhos dos rios, para expandir seus eixos viários para atender às demandas de mobilidade metropolitana.



Figura 11: Imagem aérea dos bairros da Casa Verde, 1958. (Fonte:Geoportal).

Quanto à estruturação do bairro da Casa Verde Baixa, nesse momento, percebe-se uma expansão urbana pautada pelo transporte rodoviário. Vemos em algumas vias, sobretudo que interligam o viaduto às áreas mais periféricas do bairro, o arruamento com proporções maiores e algumas avenidas, conforme se vê na Figura 12, abaixo.

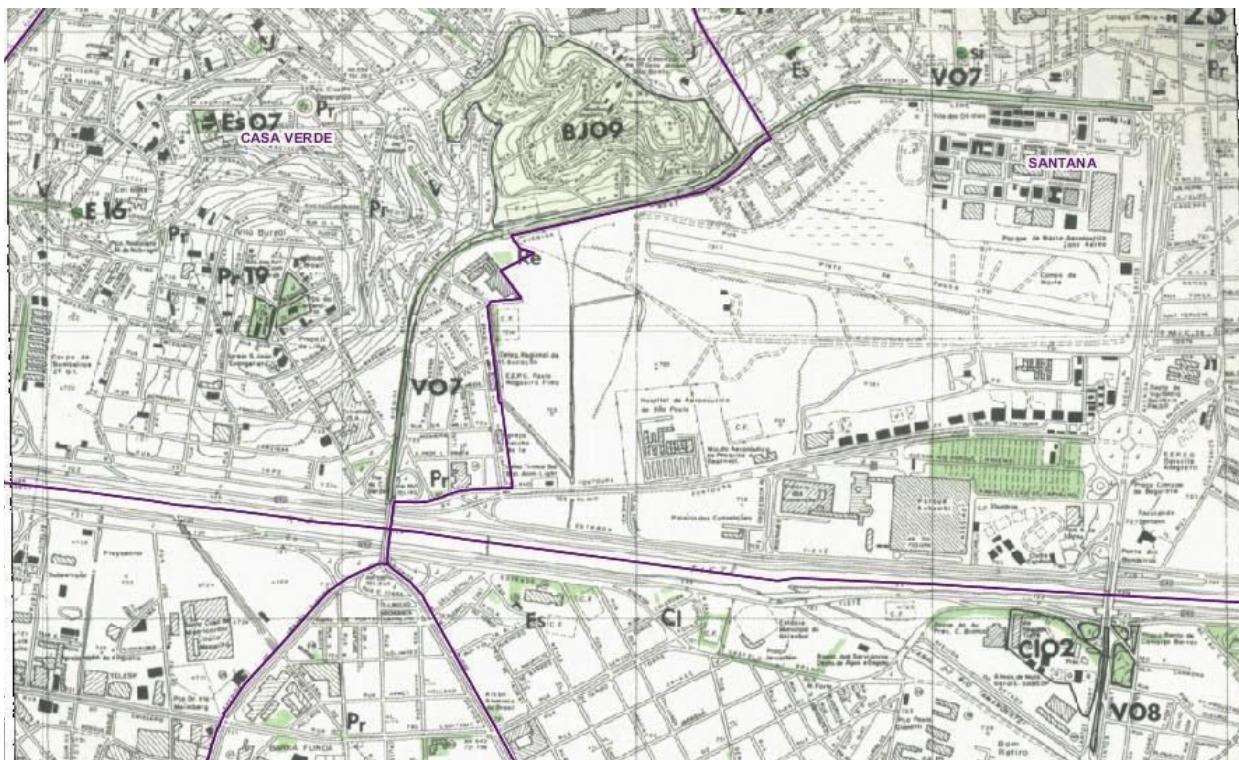


Figura 12: Mapeamento florestal, 1988. (Fonte:Geosampa).

Mais recentemente, a ortofoto da EMPLASA de 2004 (Figura 13) mostra, em cores, a urbanização da Casa Verde. O primeiro impacto visual que causa é a percepção da presença significativa de pequenos lotes e a baixa quantidade de áreas verdes no distrito.

É possível observar cinco campos no Complexo Esportivo de Lazer e Cidadania do Campo de Marte, com um sexto em construção. Na área onde se localizavam os antigos campos, observados no registro de 1958 (Figura 11), foram construídos, o Parque Anhembi e o Palácio de Convenções do Anhembi (1967-1970), o Sambódromo do Anhembi (1991) e os galpões das escolas de samba Império da Casa Verde (1993) e da Vai-Vai.

O bairro, de maneira geral, permaneceu com seus pequenos lotes e habitações horizontais e de pequeno comércio. Em contraposição, destacam-se poucas áreas de grandes lotes, onde há galpões, sobretudo nas proximidades dos rios e grandes vias; as instalações do Corpo de Bombeiros e alguns novos

empreendimentos verticais. Esses empreendimentos de habitação, verticais e valorizados (tendo em vista seu padrão de construção com maior valor imobiliário), propõem uma outra relação com a cidade e, em suma, com a vida cotidiana que se encontra no bairro da Casa Verde. Essa verticalização ainda é restrita a algumas aglomerações de prédios e condomínios, formando um circuito de valorização em algumas áreas do bairro.



Figura 13: A Casa Verde Baixa e Média em Ortofoto da EMPLASA, 2004. (Fonte:Geosampa).

Analizando as ortofotos de 2004 (Figura 13) e de 2017 (Figura 14) da EMPLASA, verifica-se que o processo de verticalização se intensificou. Começam a aparecer empreendimentos de habitação e serviços mais valorizados e verticais. A

maior parte do bairro da Casa Verde, no entanto, permanece com sua ocupação horizontal, com uma grande quantidade de pequenos lotes, em sua maioria de habitação e pequeno comércio.



Figura 14: Baixa e Média Casa Verde em Ortofoto da EMPLASA, 2017. (Fonte: Geosampa).

3.2. A Casa Verde e sua gente

A região onde hoje está localizado o distrito da Casa Verde foi, no início do século XVII, propriedade de Amador Bueno Ribeiro, o Provedor da Capitania de São Vicente. Homem de poder, o capitão mor e administrador colonial é considerado um dos líderes coloniais locais no século XVII e possuía uma grande fazenda ao norte da cidade de São Paulo. Em sua propriedade eram cultivados café, trigo e chá. Seu café era exportado para a Europa, dando maior notoriedade à fazenda, sendo considerada uma das referências do café em São Paulo na época (KAÇULA, 2020a).

O sítio passou por diversos proprietários, dentre eles: Francisco Antonio Baruel, que dá nome à Vila Baruel, hoje um dos bairros do distrito da Casa Verde; José Arouche Toledo; e Maxwell Rudge. Foi por volta de 1912 quando os herdeiros da família Rudge, então proprietária do sítio, decidiram lotear algumas áreas da propriedade. A família também construiu uma ponte de madeira, em 1915, que passou a ligar o centro da cidade aos lotes do bairro (PREFEITURA, s.d.). A cidade de São Paulo, que passava por uma acelerada expansão urbana, foi crescendo para além das margens do rio Tietê - como já vimos anteriormente -, intensificando o processo de ocupação das áreas do antigo sítio da Casa Verde e da Zona Norte paulistana.

Quanto ao perfil da população da Casa Verde, é possível afirmar que a população negra ali estava presente desde o século XVIII, com os escravos e ex-escravos que foram trabalhar nas plantações de chá e café existentes naquela região. Essa presença configurou os primeiros arranjos e práticas culturais da Casa Verde. De acordo com Kaçula (2020a, p. 31):

Essa presença foi fundamental para configurar o perfil social, cultural, simbólico e, acima de tudo, étnico para a região, pois possibilitou o enraizamento da cultura negra, propiciou a formação de uma base regional segundo qual as famílias negras pudera, se socializar e garantir a sua própria existência.

No início do século XX, a ocupação negra na região viria a se acentuar ainda mais no bairro. As obras de reestruturação urbana, que marcaram as regiões centrais de São Paulo nas primeiras décadas do século, culminaram na expulsão e no apagamento de diversos territórios negros então presentes nos bairros centrais da cidade, a exemplo dos bairros do Bixiga, da Barra Funda e Bela Vista. Esses apagamentos acabaram por expulsar milhares de famílias que se direcionaram,

naquele momento, para as periferias da cidade, sobretudo nos bairros que se estruturaram no além Tietê.

Em 1931, é criada a Frente Negra Brasileira, uma organização social para combater a falta de condições de vida satisfatórias para as famílias negras que viviam nas zonas periféricas. De acordo com Kaçula (2020a, p. 34), essa Frente viria a organizar a ocupação dos primeiros loteamentos da Casa Verde e a estruturar a presença negra na região:

(...) a Frente Negra Brasileira foi responsável pela aquisição de boa parte dos lotes que tinham acabado de ser disponibilizados para venda no novo bairro, que se formava na Casa Verde como subdistrito, parques e vilas, pois o fato de a Casa Verde ser um bairro com dimensões territoriais bastante privilegiadas criou essa subdivisão com pequenas vilas e parques para que houvesse uma forma de organizar o bairro como um todo.

O perfil dessa população, suas formas de sociabilidade e suas manifestações culturais se estabeleceram não apenas nos bairros da Casa Verde, mas por todas as terras ao lado norte do rio Tietê:

Essa faixa de terra foi aos poucos se enegrecendo. Vieram às pessoas e nas suas bagagens suas culturas e hábitos culturais: os times de futebol, os bailes dançantes, as rodas e as escolas de samba. Esses arranjos culturais se conformaram e conformaram os bairros. Criaram corredores de conexões entre diversos arranjos locais e regionais, seguindo as avenidas abertas, e terreiro [afro descendentes com matrizes africanas e afro-brasileiros com matrizes nacionais], em todos os cantos do “lado Norte”. (XAVIER, 2020, p. 11)

Nessa perspectiva, a Casa Verde se caracteriza como um território negro, “uma pequena áfrica paulistana” (KAÇULA, 2020a, capa). O bairro possui uma organização própria, baseada numa herança étnico cultural centenária, produzindo valores e um modo de vida negro na cidade de São Paulo:

(...) no processo de desenvolvimento do próprio bairro algumas relações de afetividades e de manutenção das famílias, de seus saberes, dos seus fazeress eles se perpetuam. Há um processo através da oralidade de família para família, de geração para geração, que vai salvaguardando essas manifestações e essas manutenções

desses saberes. A crítica que eu apresento no livro é para poder compreender que a Casa Verde, justamente por preservar esses valores, por preservar essa dialética, esse jeito de enxergar o mundo e de conduzir os seus caminhos pelo bairro. Também chama a atenção, nessa perspectiva, como os outros apagamentos de outros territórios que também tinham uma presença negra, uma dialética negra, de um andar negro, de um construir coletivamente, regionalmente e territorialmente negro, também sofreram. Como o bairro da Liberdade, o próprio Bixiga, a Barra Funda, a Vila Madalena, Perdizes, enfim. (KAÇULA, entrevista concedida a Mateus Tourinho no dia 17 de Outubro de 2020)

Enquanto território negro, a Casa Verde é considerada como “a terra dos sambistas e dos esportistas”, nas palavras de Otacílio Ribeiro Filho (entrevista concedida a Mateus Tourinho no dia 17 de Outubro de 2020¹¹), líder comunitário do Parque Peruche e referência na luta pela preservação dos campos de várzea da Zona Norte de São Paulo. Essa característica é contundentemente ressaltada sobretudo pelos moradores do Parque Peruche¹². Morador desse bairro, Otacílio (2020) relembra: “na época em que as casas eram barracos de madeira, com poço e lampião, para morar no Parque Peruche ou o cara tinha que ser bom de bola, de samba ou de briga, se não a molecada botava para correr”. Apenas no Parque Peruche, existem quatro escolas de samba, fato que o notabiliza como um dos bairros com mais agremiações no Brasil (OTACÍLIO, entrvista concedida a Mateus Tourinho no dia 17 de Outubro de 2020). A ligação entre esses moradores e a prática do samba tem origem na ocupação inicial do bairro, formado por moradores advindos da região do Vale do Saracura, no Bixiga e na Bela Vista, onde essa atividade já era presente.

Quanto à prática esportiva, ainda que pese a falta de terrenos e áreas de lazer dentro do bairro, é expressivo o número de esportistas de reconhecimento

¹¹ Otacilio Ribeiro Filho será referenciado nesta pesquisa pelo seu nome próprio, pois assim é conhecido publicamente

¹² Conforme indicamos anteriormente, o território da Casa Verde é constituído por vários bairros, entre eles o Parque Peruche. Esses bairros são distintos entre si, tais como são o Parque Peruche e o Jardim São Bento, este último com características mais afins a um bairro de mais alta renda.

internacional que nasceram e foram criados no Parque Peruche, tais como o super campeão do atletismo Adhemar Ferreira da Silva, dono das estrelas douradas do São Paulo Futebol Clube; os boxeadores Éder Jofre, Paulo e Jorge Sacoman, pugilistas referências internacionais do esporte; José Roberto Basílio, o Pé de Anjo, conhecido jogador do Sport Club Corinthians Paulista.

Ainda que essas grandes personalidades sejam motivo de orgulho para os moradores da região, são as práticas cotidianas - como o futebol de várzea e as rodas de samba -, que estão presentes no bairro, as responsáveis pela alcunha de terra dos sambistas e esportistas. No entanto, essas práticas nem sempre foram “bem vistas” na cidade, chamando a atenção diversas vezes do Poder Público que, via de regra, antagonizavam com as práticas culturais ali presentes, conforme relata Maria de Lourdes Miranda, a Lurdê (s.d., apud MARCELINO, 2006, p. 75), moradora do Parque Peruche desde 1941:

No começo era problema, a gente ficava nas esquinas fazendo samba, e quando a polícia chegava, o couro comia solto, pois um bando de crioulo fazendo barulho não era bem visto, já hoje não, todo mundo quer desfilar no carnaval... , mas no começo desfilar no carnaval era coisa de maloqueiro. (sic) .

O bairro foi por muito tempo discriminado, carregando por décadas o estigma de bairro mais violento da cidade de São Paulo (OTACÍLIO, 2020). Conforme relata Otacílio (2020), “o pessoal tinha vergonha de dizer que morava no Pq. Peruche (...) a gente ia fazer uma entrevista de emprego e tinha que dizer que morava na Casa Verde e a Casa Verde tinha vergonha de nós”. Esse cenário viria a mudar nos primeiros anos da década de 2000, quando os moradores do bairro realizaram pesquisa sobre as suas origens. Nesse momento, encontrou-se a escritura de compra do terreno do loteamento do bairro com data de 03 de abril de 1935. Em 2004, comemorou-se, pela primeira vez, o aniversário do bairro. Em novembro do mesmo ano, viria ainda a ser sancionada lei municipal instituindo o dia do Parque

Peruche, integrando-se essa data ao Calendário Oficial de Eventos do Município de São Paulo (MARCELINO, 2006).

Apesar das transformações ocorridas na metrópole e no próprio bairro, o Parque Peruche ainda resiste, em grande parte, pelas relações de comunidade que ali ainda se estabelecem:

Olha, aqui a gente é uma aldeia. Aqui é só nós, as pessoas que compraram terreno a família deles estão todas aqui. Tá tudo aqui, você anda pelo Pq. Peruche você vê os moleques todos na rua, grande maioria de famílias negras, que tem aqui seu território dentro da rua, nas relações sociais de convivência e formando amizade desde criança, frequentaram a mesma escola e tudo mais. (Otacílio Ribeiro, entrevista concedida a Mateus Tourinho no dia 17 de Outubro de 2020)

Sobre essas relações, prossegue:

(...) porque no bairro é assim que funciona, né ? Precisando de alguma coisa toca a campainha de um, toca na campainha de outro, na quarentena aqui um pegava o feijão de um o arroz do outro, carne do outro é assim que a gente vive aqui, um comunismo sem o pessoal saber que era comunismo. (Otacílio Ribeiro, entrevista concedida a Mateus Tourinho no dia 17 de Outubro de 2020)

Conforme fica evidente, a ideia de comunidade ainda é muito presente no Parque Peruche, o que não mudou, inclusive, com a chegada mais recente de imigrantes - entre eles aqueles de ascendência Okinawa e de países latino americanos -, e com o convívio pacífico entre as diferentes culturas que ali se estabeleceram (MARCELINO, 2006).

Essa característica de bairro pacífico parece fortalecer a ideia de um convívio comunitário, que lembra uma cidade de interior, ou mesmo “um bairro quase como antigamente” (MARCELINO, 2006, p. 96). Seja como for, os depoimentos e trabalhos sobre o Parque Peruche ressaltam a forte relação que os seus moradores mantêm, ainda hoje, com o bairro. Esse enraizamento e sentido de pertença estão fortemente ligados à sua história e ao seu perfil populacional, responsáveis pela tradição das manifestações culturais na Casa Verde.

Capítulo 4. Estudo de caso: o complexo do Campo de Marte

4.1 A formação do complexo do Campo de Marte

Tido por muitos varzeanos como um dos últimos redutos do futebol de várzea na cidade de São Paulo, o Complexo Esportivo de Lazer e Cidadania do Campo de Marte localiza-se a 4,5 km do marco zero da cidade, próximo à região central de São Paulo. Atualmente possui um total de 3 quadras poliesportivas cimentadas e 7 campos de futebol, dentre eles 1 campo infantil e 6 campos sedes de agremiações varzeanas. Segundo Otacílio Ribeiro (Entrevista concedida a Mateus Tourinho em 17 de outubro de 2020), lá jogam todo final de semana cerca de 200 times, mobilizando anualmente mais de 500 mil frequentadores “[...] entre o jogo de bola, o samba, os eventos, a criançada, o pessoal que vai lá andar de bicicleta, que vai brincar nos brinquedos. É tudo usado gratuitamente pela comunidade”.

Durante a década de 1930, época do loteamento dos bairros da Casa Verde, a área do atual complexo do Campo de Marte ainda era ocupada parte dos meandros do rio Tietê, e até então não integrava o chamado “Campo de Marte da Força Pública” (Figura 10), sendo menor do que é atualmente. Desde a década de 1920, o local era utilizado para pista de pouso e decolagens, sendo considerado o primeiro aeroporto da cidade de São Paulo. Como se verá adiante, a área, há décadas, é objeto de disputa judicial entre a Municipalidade e a União Federal.

As áreas de várzea ocupavam, então, grandes extensões, estando historicamente vinculadas ao cotidiano dos moradores dos bairros da Casa Verde. Impediam a edificação e a ocupação em seus terrenos. Otacílio relembra que, ainda

em sua infância, durante os anos 1950, quando as obras de retificação do rio Tietê estavam em pleno curso, as várzeas do rio Tietê ainda constituíam parte de seu cotidiano no bairro:

Quando eu era moleque a gente descia do morro aqui do Pq. Peruche, passava ali que não tinha a Av. Braz Leme, passava pela viação que tinha duas lagoas que a gente pulava numa lagoa, depois pulava na outra lagoa com os sacos de estopa nas costas com o fardamento, ia para a beira do rio Tietê, onde da Penha até a Lapa tinha mais de 100 campos de futebol e a gente jogava 4, 5 vezes e depois ainda pulava no rio para nadar. (Otacílio Ribeiro, entrevista concedida a Mateus Tourinho, 17 de outubro de 2020)



Figura 15: Fotografia aérea do Campo de Marte e seus arredores em 1958. (Fonte: Geoportal).

Podemos ver, por meio das imagens aéreas de 1958 (Geoportal), a área à qual se referia Otacílio. A área onde hoje está localizado o Complexo Esportivo Campo de Marte, entre as edificações do aeroporto e o bairro da Casa Verde Baixa, integrava parte do Aeroporto do Campo de Marte, embora a área ainda não tivesse cercamento e nem fosse ocupada pela Aeronáutica. O terreno ainda desocupado, servia de ligação entre os bairros da Casa Verde e os campos de futebol, entre as margens do rio Tietê - ainda em obras de retificação - e o aeroporto, visíveis na parte inferior do recorte da imagem. É possível identificar, neste recorte (Figura 15),

cerca de 20 campos na margem norte do rio. A quantidade de campos é notável e revela a dimensão da apropriação e dos usos dos terrenos varzeanos pelos clubes de futebol amador na região.

As obras de estruturação das vias marginais, que sucederam à canalização do rio Tietê, foram um pontapé inicial para a mudança desse cenário. Com as obras de drenagem e retificação mais próximas de sua conclusão, tanto a Federação Paulista de Futebol (FAVERO, 2019) quanto o setor empresarial passaram a ver com outros olhos as áreas varzeanas ocupadas pelos campos de futebol. Em sua pesquisa, Favero (2019) esmiúça a empreitada de Caio de Alcântara Machado - empresário responsável por idealizar as primeiras feiras industriais em São Paulo, até então sediadas no Parque Ibirapuera -, de construir, na citada área ocupada pelos campos de futebol varzeanos, o Parque Anhembi, o novo local para receber as feiras industriais internacionais. Os terrenos foram cedidos pela prefeitura em 1967, pelo então prefeito Faria Lima, tendo as obras se iniciado no ano seguinte. Em 1970, já havia sido inaugurado um dos maiores centros de eventos da América Latina em funcionamento até hoje. Isso culminou na expulsão dos campos de futebol ali existentes.

Com relação à área do atual complexo esportivo do Campo de Marte, uma análise do mapa Vasp-Cruzeiro, de 1954 (Figura 12), mostra que ali existiam pelo menos três campos de futebol, mesmo antes da instalação de uma fábrica que teria dado origem aos campos ali existentes. Curiosamente, na foto aérea de 1958 (Fig. 15), já não existem marcas de qualquer campo naquela área. Contudo, de acordo com Favero (2019), será nos anos 1960 que a empresa Sul Americana de Engenharia-Eletrificação (SADE) obterá permissão da prefeitura para a instalação

de campos de futebol na área, embora já houvesse um conflito com a Aeronáutica, que se sentia incomodada pela sua presença.



Figura 16: Foto do *segundo quadro* do Grêmio Recreativo SADE, em 1967. (Fonte: Acervo Museu do Futebol)

Em 1972, a SADE¹³, que possuía sua antiga fábrica em terreno vizinho ao Campo de Marte (Figura 17), conseguiu, através de um ofício expedido pelo Comando de Apoio Militar da Aeronáutica (Figura 18), autorização para o uso de determinada área do aeroporto visando a construção e o uso de um campo de futebol para os seus funcionários, organizados por meio do Grêmio Recreativo SADE (G.R. SADE), fundado em 1963¹⁴. Segundo Favero (2018):

¹³ Empresa que atuava na fabricação e instalação de insumos de engenharia elétrica

¹⁴ A relação entre a Aeronáutica e o G.R.SADE nem sempre foi constante, ficando ao sabor dos interesses que se colocavam em cada momento. Otacílio Ribeiro (entrevista concedida a Mateus

Foram os trabalhadores dessa fábrica, organizados em seu Grêmio Recreativo, que tinham o futebol como uma de suas principais atividades, que pleitearam junto a direção da fábrica para que se negociasse com o Poder Público um espaço no imenso terreno vizinho para poderem construir um campo de futebol.



Figura 17: Antiga fábrica da SADE, sem data. Ao fundo o aeroporto Campo de Marte e, um pouco mais à direita da imagem, os campos do Complexo Esportivo Campo de Marte (Fonte: Acervo do Museu do Futebol).

Tourinho em 17 de outubro de 2020 lembra distintas situações dependendo dos militares que tinham o poder de decisão, havendo, por exemplo, a cobrança de aluguel pelo uso dos campos, em certo momento, e, em outro, uma aceitação - inclusive, uma defesa - de sua presença e continuidade da prática do futebol.



FAB
V. V. V.

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA
COMANDO DE APOIO MILITAR

PARQUE DE AERONÁUTICA DE SÃO PAULO

OFÍCIO N° 101/DG

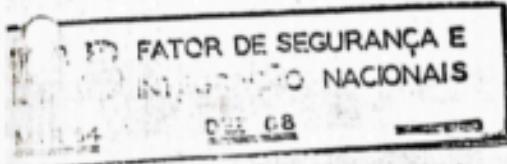
São Paulo, 11 DEZ 1972

Do Diretor

Ao Ilmo Sr SOCRATE MATOLLI
DD Superintendente da SADE - Sulamericana de Engenharia S/A.

Assunto: Cessão de Área no Campo de Marte.

Anexo : Planta de Locação da Área.



I - Em atenção a determinação verbal do Exmo Sr Comandante da Quarta Zona Aérea e desejando cooperar com essa importante Empresa, foi procedida uma verificação da viabilidade de utilização, a título precário, de área nos terrenos do Campo de Marte, que satisfizesse a reivindicação de V.S.

A área em apreço tem aproximadamente 120m de frente para a Rua Marombaia, por 160m de fundo para o Campo de Marte, perfazendo um total de 8 400 m² (oito mil e quatrocentos metros quadrados).

II - A SADE está portanto autorizada por esta Direção, a utilizar a dita área, a título precário, com finalidade única e exclusiva para a prática de esportes, devendo a referida Empresa construir um portão de passagem para a rua Marombaia cercar a área, a fim de evitar penetração de pessoas desautorizadas no interior do Parque.

III - Reserva-se o Ministério da Aeronáutica, através da Direção do Parque, o direito de, a qualquer tempo, comunicar a SADE o término da cessão da área, que deverá então ser desocupada no prazo de 30 (trinta) dias, eximindo-se de quaisquer despesas, que hajam sido levadas a efeito, pela referida Empresa, na construção de quadra de esporte.

Figura 18: Ofício n° 101/DG do Comando de Apoio Militar, de 11/12/1972, autorizando a SADE a utilizar, a título precário, parte do terreno do Campo de Marte para a prática de esportes. (Fonte: Favero, 2019).

Vale a pena ressaltar algumas condições impostas neste documento que são fundamentais para entendermos a problemática da permanência dos campos de futebol no Campo de Marte. Embora o terreno em questão estivesse sob a posse da

Aeronáutica, o Ofício delegou à referida agremiação o cercamento e a construção de um portão de acesso para controlar o uso da área, ao mesmo tempo em que previu o caráter precário de sua utilização, estabelecendo no Item III a condição de restituição, a qualquer tempo, à Aeronáutica do terreno cedido, sem qualquer contrapartida à SADE em relação às despesas da construção dos campos, cercamento e administração da área. Ou seja, sem nenhuma garantia de permanência ou estabilidade, ficando à critério unicamente da Aeronáutica a continuidade das práticas ali conferidas.

A partir das condições estabelecidas pelo Ofício expedido pela Aeronáutica, o G.R. SADE realizou as obras de infraestrutura necessárias para o cercamento e administração da área, instalando a sede do seu grêmio, campos e vestiários no terreno demarcado. Este vínculo estabelecido abriu o caminho para que outras agremiações também negociassem com a Aeronáutica a cessão e uso da área para estabelecerem seus campos. No final dos anos 1970, foi a vez do Grêmio Recreativo Cruz da Esperança (GERCE), fundado em 1958, conseguir a autorização da Aeronáutica para a construção de sua sede e campo no terreno, nas mesmas condições previstas para o campo do G.R.SADE (FAVERO, 2019).

Outras agremiações pleitearam, no início dos anos 1980, a construção de seus campos nas áreas do complexo. Em 1983, o Pitangueira Futebol Clube, fundado em 1938, inaugurou seu campo no terreno próximo onde o G.R SADE e o GERCE haviam se estabelecido. Embora sua sede seja em outro local - em seu antigo campo, no Jardim São Bento, em área ali próxima -, seus jogos são realizados no campo do Complexo Esportivo do Campo de Marte.

Ainda na década 1980, o Baruel Futebol Clube, fundado em 1941 pelos moradores da Vila Baruel, bairro da Casa Verde, construiu seu campo e sede nos

terrenos do complexo. O clube chegou a ser amplamente reconhecido na várzea ainda nos anos 1950 por suas conquistas e pelo seu histórico campo da Concha Acústica com seu cercado de madeira branca (FAVERO, 2019), destruído pela construção do Parque Anhembi. O Baruel ainda manteve sua sede em outra localização, mas, sem campo, teve de paralisar sua equipe de futebol, restando apenas os eventos sociais e as pelejas realizadas na quadra da sede como atividades do grêmio. Após anos tentando restabelecer o time de futebol de várzea, Baruel conquistou a autorização para a construção de sua sede (Figura 19). Favero (2019) aponta que a proximidade dos membros do Baruel e os membros do Cruz da Esperança foi fundamental, sendo um elo de intermediação durante o processo de concessão da autorização.



Figura 19: Foto da época da construção da sede do Baruel, sem data. (Fonte: Acervo do Museu do Futebol).

O Baruel F.C construiu dois campos na área cedida pela Aeronáutica, totalizando assim, naquele momento, cinco campos de futebol de várzea. Um dos

campos construídos pelo Baruel viria, ainda na década de 1980, a se tornar casa do Veteranos Unidos Paulista (VUP), equipe varzeana fundada em 1968 por ex-membros de diversos times da região, que tinham se afastado da prática do futebol devido à escassez de campos acessíveis.



Figura 20: Equipe do Veteranos Unidos Paulista, no final da década de 1990 (Fonte: Acervo do Museu do Futebol).

Os cinco clubes acima citados - Grêmio Recreativo SADE, Grêmio Recreativo Cruz da Esperança, Pitangueira Futebol Clube, Baruel Futebol Clube e Veteranos Unidos Paulista - integram, desde 2009, a Sociedade dos Clubes Mantenedores do Complexo Esportivo de Lazer e Cidadania do Campo de Marte. A sociedade foi formada com o objetivo de organizar a luta pela permanência do complexo esportivo, historicamente ameaçado pela fragilidade e precariedade da concessão da área e pela disputa judicial entre Prefeitura e Aeronáutica sobre o terreno do Campo de Marte, conflito que já se estende há mais de 60 anos, como mencionado anteriormente e conforme aprofundaremos mais adiante. A organização dos clubes na referida sociedade, segundo Otacílio (2020), surgiu da necessidade de fortalecimento das agremiações por meio de sua união na tentativa de evitar o que

havia ocorrido em 2006 com os clubes do Parque do Povo. No próprio relato de Otacílio, relembrando suas palavras aos outros dirigentes dos clubes naquele momento, ele teria afirmado: “Nós temos que nos organizar aqui, porque, se não, vai acontecer como aconteceu lá no Parque do Povo, que cada um correu para um lado”. Ali teria nascido a Sociedade dos Clubes Mantenedores das Áreas de Esportes, Lazer e Cidadania do Campo de Marte, que utiliza os seus campos até hoje. Importante ressaltar que, embora a Sociedade funcione como uma figura jurídica de união dos clubes, organizada em departamentos (tais como de marketing, jurídico, jornalismo, comunicação, e urbanismo e arquitetura), cada uma das agremiações estabelece as suas próprias normas de funcionamento.

Desde o início da Sociedade, Otacílio é o seu Secretário Geral ou Presidente, trabalhando em conjunto com os diretores das outras agremiações. Vale ressaltar que Otacílio nunca esteve envolvido com nenhum dos clubes pertencentes à Sociedade. Foi escolhido pela sua liderança na luta pela permanência dos campos de futebol de várzea na Zona Norte de São Paulo e também por ser uma figura de neutralidade em relação aos interesses e disputas entre os times pertencentes à sociedade.

É importante notar ainda que há no Complexo Esportivo Campo de Marte um sexto campo. Pertence ao Aliança da Casa Verde, time fundado em 2002, anterior à constituição da Sociedade. No entanto, o clube recusou-se a integrá-la.

4.2 O Complexo Esportivo do Campo de Marte na atualidade

Atualmente os arredores do Complexo Esportivo do Campo de Marte são caracterizados, de um lado, por uma grande mancha verde de mata entre os campos e a pista do aeroporto. Do outro lado, vemos uma densa ocupação urbana

edificada quase que em sua totalidade, gerando grande contraste com as áreas verdes do Campo de Marte. Ali estão os bairros que constituem o território da Casa Verde, o qual já fizemos uma leitura de sua evolução urbana e ocupação. Vale relembrar a predominância da horizontalidade do bairro, geralmente em pequenos lotes, com exceção à alguns galpões comerciais que ocupam lotes extensos e alguns esparsos condomínios verticais mais recentes.

Vale a pena ressaltar (Figura 21) ainda alguns elementos específicos que constituem a paisagem da região e nos ajudarão mais adiante (item 4.4) a compreender alguns processos e transformações que vem incidindo sobre o complexo e seus arredores.



Figura 21: Elaborado pelo autor com base na ortofoto da EMPLASA, 2017. (Fonte: Geosampa).

- | | |
|--------------------------------------|---|
| 1. Complexo Esportivo Campo de Marte | 6. Barracões das escolas de samba Império da Casa Verde e Vai-Vai |
| 2. Aeroporto Campo de Marte | 7. Sambódromo do Anhembi |
| 3. Condomínio Boulevard Santana | 8. Quartel e Clube da Aeronáutica |
| 4. Centro Empresarial TOTVS | |
| 5. Campo Jd. São Bento | |

Primeiro, nota-se a forte presença das escolas de samba na região, representadas na figura pelos barracões da Império da Casa Verde e da Vai-Vai e pelo Sambódromo do Anhembi. É possível afirmar que ali o samba paulistano de certa forma se edificou, constituindo aquele fragmento urbano um lugar simbólico da cultura popular do samba e do carnaval da cidade de São Paulo.

Há ainda diversos contrastes que fogem à paisagem da mancha urbana do bairro. A presença da Aeronáutica e do Campo de Marte fica em destaque sobretudo pela conservação das áreas verdes, tanto no aeroporto quanto nos quartéis e em seu clube.

A raridade de espaços públicos e espaços abertos de convivência marcam a urbanização dos bairros da Casa Verde. A presença da grande área do Complexo Esportivo Campo de Marte e o campo do Jd. São Bento se colocam como exceções na paisagem da região.

A análise da presença desses elementos citados nos permite certa compreensão dos aspectos espaciais das relações que o complexo esportivo e o futebol de várzea foram tecendo, ao longo do tempo, entre as práticas sociais ali presentes e seus arredores.

É importante notar ainda que, para além dos contrastes acima estabelecidos e que historicamente constituíram o bairro, há uma outra quebra na paisagem urbana das proximidades do Complexo do Campo de Marte, produzida mais recentemente e condizente com o novo processo de urbanização de São Paulo (conforme veremos mais adiante, no item 4.4). No terreno onde se localizava a fábrica da SADE (Figura 22), vizinho aos campos do complexo, foi inaugurado, em 2011, o condomínio residencial de alto padrão Boulevard Santana (Figura 23). O lançamento imobiliário possui quadras e piscinas privativas para os condôminos.



Figura 22: Imagem de Satélite, 2005
(Fonte: Google Maps).



Figura 23: Imagem de Satélite de 2019
(Fonte: Google Maps).

Outro grande empreendimento que também se instalou no terreno da antiga fábrica é o centro empresarial TOTVS. Localizado na Av. Bráz Leme, além de sediar os escritórios da empresa, são oferecidos e desenvolvidos no local softwares e prestações de serviços relacionados ao mercado financeiro e ao empreendedorismo (Figura 24).



Figura 24: Centro Empresarial TOTVS. (Fonte: Google Maps, 2020).

Os referidos empreendimentos, vizinhos ao complexo, formam uma paisagem caricata da contraposição das formas de uso e ocupação que encontramos no bairro. De um lado da rua há o condomínio de alto padrão que se constitui como um verdadeiro enclave fortificado, com áreas de convívio e lazer privativas e restritas aos condôminos. Do outro lado da rua, ainda sujo do terrão dos campos de futebol, encontra-se o portão de entrada do Complexo Esportivo do Campo de Marte.

4.3 O futebol de várzea no complexo do Campo de Marte

Ainda que o Complexo Esportivo do Campo de Marte seja administrado pela sociedade dos cinco clubes, como visto acima, são semanalmente centenas de equipes que jogam em seus campos. Assim como ocorre na maioria dos campos de futebol de várzea de São Paulo, os campos do Complexo na maior parte do tempo são alugados para diversas equipes *mandarem* seus jogos. Os mandantes são as equipes que pagam o aluguel para o time que detém o campo, ficando responsáveis pela organização da partida (incluindo arbitragem e premiação). O aluguel é utilizado pelas agremiações detentoras dos campos para realização de sua manutenção e a dos times e de suas sedes. Os pagamentos geralmente são mensais ou anuais, criando um vínculo entre os times que locam o espaço, numa relação que pode durar anos ou ainda décadas.

Há distintas formas de organização das partidas, podendo ser um jogo *amistoso* entre duas equipes ou mesmo torneios e festivais com chaveamentos de dezenas de times, com premiações e troféus. Ainda que grande parte das partidas que acontecem no complexo sejam de caráter amistoso, são os campeonatos e festivais os responsáveis pela grande importância regional que o Complexo

Esportivo do Campo de Marte tem em relação ao futebol de várzea e às práticas a ele associadas. Nesses grandes eventos são mobilizadas dezenas de agremiações que trazem sua torcida e sua banda de beira de campo, reunindo milhares de pessoas num mesmo dia, quando o que acontece no campo se torna apenas mais um dos encontros ali presentes. Esses festivais são uma importante forma para arrecadação de fundos para os times, organização de movimentos políticos e promoção de causas sociais. Um exemplo disto é a atuação das agremiações do Complexo frente à pandemia do Covid-19, que arrecadaram no ano de 2020 mais de 10 toneladas de alimentos (2020).

Há que se destacar ainda a atuação de times femininos de futebol de várzea nos campos do Complexo. Segundo Otacílio (entrevista concedida a Mateus Tourinho em 17 de Outubro de 2020), o local foi sede do maior festival de futebol feminino do mundo em 2019, com a participação de 80 equipes em um único final de semana e ressalta a importância de espaços para a prática do futebol feminino na várzea:

É uma luta importante do futebol feminino na cidade de São Paulo, eles tem muitos times femininos mas não tem espaço nos campos de futebol de várzea. Nós tínhamos que oficializar essa questão do espaço na várzea para o futebol feminino com CDC próprio só para elas jogarem. (Otacílio Ribeiro, entrevista concedida a Mateus Tourinho no dia 17 de Outubro de 2020)

Entre os mandantes e os times visitantes que ali atuam, há histórias de todos os cantos da cidade. Para cada canto uma cor, para cada clube uma bandeira e para cada fanático torcedor ou simples espectador, um grito diferente. É difícil definir em palavras as sensações tão físicas, tão tátteis e tão sensitivas que o jogo de futebol provoca, tanto em quem o joga, quanto em quem o assiste. Por assim dizer, o Complexo Esportivo do Campo de Marte pulsa, por meio do futebol de várzea, os laços de afetividade e de pertencimento numa metrópole em que os espaços de

exercício lúdico se tornam cada vez mais escassos, mais privados. Favero (2018, p. 23) entende o Complexo Esportivo do Campo de Marte como “um oásis do futebol de várzea em São Paulo” e revisita sua memória:

Ultrapassar o portão de entrada do Complexo de Campos de Futebol do Campo de Marte em um final de semana, sob a luz do dia, é envolver-se em uma experiência sensorial de misturas: ouvir o som dos pássaros e a gritaria generalizada (Miskiw, 2012) vinda do campo de jogo; avistar camisas de futebol com variadas cores, carregando distintivos desconhecidos, moldadas aos díspares corpos que se colocam em disputa; com menções a bairros e regiões da cidade, também exibidas em faixas penduradas nos alambrados dos campos. Ao ingressar na área social de cada um dos seis campos do local, o cheiro de mato perde força para a fumaça que vem das churrasqueiras, ao lado dos bares onde o silêncio certamente é derrotado - seja pelo som das conversas e risadas, do samba, samba-rock, forró ou do funk. Em que pese a possibilidade de imersão em toda essa atmosfera de descomedimento, ao cair da noite, quando os jogos cessam, ao sair das áreas sociais dos campos em festa, ainda é possível sentir-se distante da cidade, acompanhado pelo som das cigarras e pela imensidão de um céu completo, sem prédios ou arranhas céus, de leste a oeste e de norte a sul.

São mais de 60 anos de uso das áreas do Complexo Esportivo do Campo de Marte: “tem bisavô que jogou, pai que jogou, o filho tá jogando e o filho do filho, do filho vai jogar” (Otacílio Ribeiro, entrevista concedida a Mateus Tourinho em 17 de outubro de 2020). Não é raro encontrar agremiações que possuem um time infantil, um time adulto e um time veterano, promovendo a cada jogo um verdadeiro encontro intergeracional. Não à toa, é comum ver a família e amigos acompanharem os times de várzea. Entre o torcer na beirada do campo, os churrascos, os bares, a música, os brinquedos, as áreas verdes, há muito o que se fazer no Complexo do Campo de Marte onde, para muitos, o futebol torna-se uma “desculpa” para esses encontros.

Para além do futebol, nas sedes ali presentes, são organizadas miríades de atividades distintas, desde a bocha, o carteado, a roda de samba e os bailes de samba rock, que se associam ao futebol, às equipes e aos seus membros.

Atividades que independem da prática futebolística, ostentando as cores dos clubes para fora dos campos, entrando nos salões, nas quadras e nas ruas dos bairros da Casa Verde. Desse conjunto de práticas presentes no Complexo, um dos exemplos mais emblemáticos dessa mistura é o samba. Presente tanto na batucada na beira do campo, quanto nas rodas de samba nos salões sociais, junto com feijoada ou churrasco. Ali jogam times que foram oriundos de escolas de samba, assim como se apresentam escolas de samba que se originaram de times de futebol. É comum ver também rodas de samba formadas pelos jogadores que, ainda sujos de barro e terra, empunham seus instrumentos tarde e noite adentro nas áreas do complexo. Kaçula (entrevista concedida a Mateus Tourinho em 17 de outubro de 2020) assim descreve essa relação:

(...) está tão imbricado essa relação do futebol de várzea com o samba, ali com a batucada de beira de campo, que vai fazendo com que, de fato, essas duas dinâmicas culturais, do futebol, do esporte e da cultura do samba na prática de percussão de batucadas ali ao longo dos jogos que acontecem no futebol de várzea. Essas coisas vão meio que se constituindo (...) as rodas de samba que de alguns anos para cá tem sido uma construção importante lá no Cruz [da Esperança], de 20 anos para cá e vai para além da batucada da beira de campo. Uma coisa é aquela batucada na beirada do campo, outra é uma roda de samba com uma feijoada ali, um churrasco, algum evento que acontece lá no Cruz da Esperança. Vem daí também essa minha relação com o Cruz da Esperança. Então eu não podia deixar de colocar no meu livro o lugar não apenas como um Complexo Esportivo, mas como um lugar de referência, um lugar de aquilombamento das pessoas e das famílias negras ali da Zona Norte, um lugar importante que recebe todas essas pessoas e faz a manutenção desses saberes todos transmitidos através de gerações em gerações.

Como ressalta Kaçula (entrevista concedida a Mateus Tourinho em 17 de outubro de 2020), o Complexo do Campo de Marte tem ainda uma importância regional como um local de encontro da população negra da Zona Norte. A exemplo disso, ocorre há anos, na sede do Cruz da Esperança, as Rodas de Balanço, evento que mensalmente reúne centenas de famílias, mobilizando artistas e bandas locais

e regionais, sendo um lugar onde as práticas culturais se perpetuaram historicamente no território da Casa Verde. O local é descrito como “um barracão que abriga há várias décadas bailes negros e rodas de samba, frequentadas por quem é iniciado nos mistérios e meandros da negritude paulista” (GREMIO RECREATIVO CRUZ DA ESPERANÇA, s.d.).



Figura 25: Baile de Samba Rock na sede do Cruz da Esperança, 1988. (Fonte: Favero, 2019).

Esse encontro entre o futebol de várzea e o samba é muito característico da cidade de São Paulo, onde ambos estão imbricados nos tempos e nos espaços, se constituindo mutuamente. Além disso, é uma relação marcada pela questão étnica e de classe, relacionada às classes populares, sobretudo da população negra e de suas práticas culturais presentes em seus territórios (KAÇULA, entrevista concedida a Mateus Tourinho em 17 de outubro de 2020).

4.4 A disputa judicial envolvendo a área do Complexo

Ainda que o Complexo Esportivo do Campo de Marte venha resistindo há décadas às transformações da metrópole paulistana, a prática do futebol de várzea ali convive, desde seus primeiros campos, com a possibilidade de sua extinção. Ao longo do tempo, foram diversas as ameaças que os clubes do complexo tiveram de enfrentar, sobretudo em relação à precariedade da autorização de uso do espaço. Já discutimos a fragilidade dessa relação, tendo em vista que, pela cessão de uso concedida pela Aeronáutica, esta poderia, a qualquer momento e de forma unilateral, expulsar os clubes da área, sem ter de assumir qualquer despesa ou indenização. Por conta disto, a permanência do complexo foi, por muito tempo, condicionada aos interesses pessoais e políticos, sobretudo do comando da Aeronáutica. Conforme relatam Favero (2019) e Otacílio (2020), aluguéis e reformas nos clubes e nos próprios quartéis foram por vezes custeados pelos clubes varzeanos do complexo, por imposição do comando da Aeronáutica.

Após quase 45 anos de ocupação da área com autorização federal (a primeira delas em 1972, conforme visto no item 4.1), a União Federal, em 2015, notificou judicialmente a sociedade de clubes e as agremiações dela integrantes, para que desocupassem o terreno em 30 dias, a fim de possibilitar a instalação no local do museu da Aeronáutica¹⁵. Em razão dessa notificação, a sociedade e as agremiações, no mesmo ano, ingressaram com uma ação judicial contra a União, objetivando que esta se abstivesse de praticar qualquer ato visando impor a cessação de uso da área, sob pena de pagamento de multa diária.¹⁶ Nesse processo, a sociedade e as agremiações obtiveram decisão liminar, impedindo a desocupação até o julgamento da ação, o que ainda não ocorreu. Graças a essa

¹⁵ Processo nº 0001252-27.2015.403.6100, que tramitou na 2ª Vara Federal de São Paulo.

¹⁶ Processo nº 0011954-32.2015.4.03.6100, em curso na 12ª Vara Federal de São Paulo.

decisão judicial provisória, o Complexo Esportivo do Campo de Marte ainda se mantém na área.

A questão da posse e do uso da área, na verdade, transcende a relação jurídica entre a Aeronáutica e a sociedade de clubes. Trata-se de uma disputa judicial entre a União Federal e a Municipalidade de São Paulo, que já dura mais de 60 anos no Poder Judiciário, e que tem sua origem histórica nas sesmarias.

De fato, as terras onde se encontra atualmente o Campo de Marte foram entregues pela Coroa Portuguesa à Companhia de Jesus, pelo regime de sesmarias, sendo que, em 1759, com a expulsão dos jesuítas do Brasil, a Coroa Portuguesa confiscou a área. Até a época da Proclamação da República, o terreno não era ocupado. Em 1891, o Estado de São Paulo, entendendo tratar-se de terra devoluta (e, portanto de sua propriedade, conforme a Constituição Federal de 1891), cedeu definitivamente o domínio da área ao Município. Em 1912, o Município, por sua vez, cedeu o uso da área ao Estado, em caráter precário, para exercícios do Corpo da Cavalaria e, posteriormente, da aviação militar estadual. Em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, o terreno sofreu um bombardeio e passou às mãos da União, que instalou ali a base da Aeronáutica. Posteriormente, com o advento da Constituição Federal de 1946, os entes federados recuperaram parte de sua autonomia perdida no regime anterior. A partir daí, se iniciaram várias tratativas para a devolução da área ao Município, o que, entretanto, acabou não se consumando.

Em razão do fracasso dessas tratativas, o Município de São Paulo, no ano de 1958, ingressou com uma ação possessória contra a União para reaver a área. Após décadas de tramitação do processo, o Superior Tribunal de Justiça (STJ), em 2009, entendendo se tratar de terras devolutas, decidiu favoravelmente à Municipalidade, tendo reconhecido o domínio do Município de São Paulo sobre o

Campo de Marte.¹⁷ Essa decisão, contudo, não implica devolução da área total à Municipalidade, uma vez que entendeu o STJ que não há possibilidade de devolução de parte da área que é afetada pelos serviços públicos federais (ou seja, as partes do terreno em que há construções e espaços necessários à aviação e à defesa, tais como aeroporto e quartel). Em relação a essas áreas, o STJ impôs à União o dever de indenizar o Município. Dessa decisão do STJ, a União recorreu ao Supremo Tribunal Federal¹⁸, tendo o Ministro Celso de Mello, recentemente (em outubro de 2020), confirmado a decisão anterior. A União, entretanto, recorreu novamente, não tendo havido ainda julgamento desse recurso e decisão final do processo.

A despeito de a disputa judicial prosseguir até hoje, a União Federal e o Município, nas figuras do então presidente Michel Temer (MDB) e do prefeito João Doria (PSDB), firmaram, em 2017, um protocolo de intenções que previa um plano inédito para área, consistente na construção de um parque municipal e um museu da Aeronáutica. Esse projeto, muito divulgado à época da celebração do protocolo como um acordo que poria fim à disputa judicial, não foi adiante. Entretanto, novas negociações entre os referidos entes governamentais foram iniciadas pelo atual presidente Jair Bolsonaro, o governador João Doria (PSDB) e o prefeito de São Paulo Bruno Covas (PSDB), envolvendo, agora, a construção na área de um colégio militar. Essas negociações, pelo que foi noticiado, foram interrompidas em razão do rompimento entre João Doria e Jair Bolsonaro.

O fato é que o futuro do Complexo Esportivo Campo de Marte depende agora do desfecho final das ações judiciais acima mencionadas e da forma como os entes

¹⁷ Recurso Especial nº 991.243/SP - Superior Tribunal de Justiça.

¹⁸ Recurso Extraordinário nº 668.869/SP - Supremo Tribunal Federal.

governamentais envolvidos na disputa decidirão, na esfera político-administrativa, sobre o uso e ocupação da área, respeitados os limites da decisão judicial.

4.5 A produção neoliberal da cidade

Para além da batalha na esfera judicial - que, ao que tudo indica, depois de mais de 60 anos, se aproxima de um desfecho -, paira sobre o Complexo Esportivo do Campo de Marte o anúncio de um novo capítulo na luta pela sua permanência. Se de alguma forma o imbróglio judicial congelou temporariamente os interesses públicos e privados sobre o espaço do complexo e do Campo de Marte, agora ele entra em pauta e já tem sido alvo de projetos distintos. Ainda que se possa especular sobre os arranjos finais da disputa entre a municipalidade e a federação, há algo de comum interesse entre as partes, que é o desejo de transformação do uso da área.

Desde sua campanha eleitoral em 2016, João Doria se notabilizou pelo forte discurso neoliberal. Com seu perfil midiático, se apresentou na campanha eleitoral como um gestor, um candidato que governaria com um “novo jeito de se fazer política”. Como um mantra, contraditoriamente se anunciou como um anti-político (“Não sou político, sou um administrador, sou empresário, sou gestor”¹⁹). Eleito através de um discurso pautado numa política de privatizações agressivas e um empreendedorismo voraz, João Doria pautou sua gestão num Plano de Metas (2017) de onde se extraem quatro constantes: a disponibilização do patrimônio público para fins de privatização, concessão; doação e estabelecimento de parcerias com o setor privado (PPP):

¹⁹ Entrevista Jovem Pan, 14.09.2016.
<https://jovempan.com.br/programas/nao-sou-politico-sou-empresario-diz-candidato-joao-doria-jr.html>

Anunciada desde a campanha eleitoral, esse tipo de gestão pública tomou uma forma cabal num curto vídeo (Road Show..., 2017) apresentado por integrantes da prefeitura de São Paulo numa viagem a Dubai, nos Emirados Árabes, em fevereiro de 2017, exibindo a investidores estrangeiros as assim chamadas oportunidades de investimento na capital paulista por meio das modalidades empresariais de privatização, concessão, doação ou PPP. Num dos trechos mais emblemáticos, a prefeitura afirma que a cidade passa pelo "maior programa de privatizações de sua história". (PRIETO; LACZYNSKI, 2020)

Em escala mundial, a doutrina neoliberal passou, desde as últimas décadas do século XX, a incidir progressivamente sobre o processo de urbanização e sobre a gestão urbana. Desde então, a ideia de se administrar a cidade como uma empresa foi ganhando força e vem se efetivando em diversas escalas no espaço urbano. As transformações pelo qual o processo produtivo em escala global vem passando desde o fim do século passado se materializam também em mudanças na produção da cidade. Segundo Carlos (2018), o processo de urbanização da metrópole paulistana se efetiva, na atualidade, através do movimento de passagem da hegemonia do capital industrial para o capital financeiro, constituindo São Paulo como uma metrópole de negócios:

as mudanças no processo produtivo vêm acompanhadas por um novo ciclo de reprodução do espaço, o qual indica que agora a reprodução se efetua sob a hegemonia do capital financeiro e a constituição de sociedade urbana no movimento da mundialização. (CARLOS, 2018, p. 52)

Paulatinamente, as políticas neoliberais foram instrumentalizando a gestão urbana no caminho de possibilitar a transformação do espaço urbano metropolitano, este que é condição, meio e produto da realização do movimento do capital em seu processo de acumulação. (CARLOS, 2018)

A exemplo disto, nota-se a crescente influência de instrumentos como as Operações Urbanas Consorciadas (OUC) - estabelecido pelo Estatuto da Cidade

(Lei Federal 10.257/2001) - e os Projetos de Intervenção Urbana (PIU) - previsto no atual Plano Diretor da cidade de São Paulo (Lei Municipal 16.050/2014) - sobre a gestão urbana. Ambos instrumentos têm como objetivo criar zonas de exceção na cidade, onde a municipalidade pode subverter índices do planejamento urbano e normas da legislação vigente, a fim de realizar a transformação urbana de determinada área. Ainda que o discurso tecnocrático reitere que a finalidade desses instrumentos é efetivar a reestruturação de áreas com potencial de transformação, o que se constata é que se tornaram mecanismos que permitem a exploração comercial e econômica de fragmentos desvalorizados da cidade. (PRIETO; LACZYNSKI, 2020)

Por outro lado, algo de novo vem se anunciando. Apontado por Prieto e Laczynski (2020) como ultraneoliberalismo urbano, há um novo momento da acumulação de capital na cidade de São Paulo que tem, como aspecto central, a instituição da venda da cidade como realização daquilo que se nomeia como política pública. Segundo os autores:

Não se projeta mais a venda de lugares, imagens e de fragmentos do espaço urbano, mas de fato, se medeia a totalidade da política pública urbana como forma de acumulação urbana de capital na tentativa de venda da cidade como um pacote de investimentos para a realização da concentração de renda e poder, sob o discurso da eficiência econômica empresarial e a diminuição dos gastos públicos. (PRIETO; LACZYNSKI, 2020)

E prosseguem:

Assim, constata-se que a venda da cidade, em suas múltiplas estratégias, se substancia na forma *per se* de realização das políticas públicas (Carlos et al., 2017).(...) Não é a imagem da cidade ou de fragmentos a serem vendidos, mas a própria cidade o alvo da venda, ou seja, mediada pela privatização do lugar (o fragmento do espaço), se realizam virtualmente a totalidade da cidade como negócio e o espaço como mercadoria. (PRIETO; LACZYNSKI, 2020)

Em São Paulo, essa nova fase de acumulação urbana de capital, identificada pelos autores acima, tem como sua maior expressão as gestões de João Doria (2017-2018) e Bruno Covas (2018-Atual). A cruzada em busca da implementação de privatizações, parcerias e concessões à iniciativa privada que o ex-prefeito, agora governador, iniciou, foi continuada e aprofundada por seu sucessor, colocando São Paulo na vitrine do mercado internacional.

Em relação ao Complexo Esportivo Campo de Marte, o interesse da gestão pública sobre a área do Campo de Marte, não por coincidência, vem se acentuando nos últimos anos. Já em 2017, Doria, no primeiro ano de seu mandato, quando firmou com então presidente, Michel Temer, o já referido protocolo de intenções, planejava a privatização da área do Campo de Marte mediante a criação de um parque. Dois anos depois, já empossado como governador do Estado de São Paulo, reiterou seu interesse, chegando a prometer a privatização do Campo de Marte (BERMÚDEZ, 2019). Na sequência, seu sucessor Bruno Covas tentou dar continuidade às tratativas entre Município e União, buscando diálogo com o presidente Jair Bolsonaro. Este, por sua vez, demonstrou interesse na construção de um colégio militar na área. O que se verifica é que, se por muito tempo esse tipo de especulação não chegava aos terrenos do Campo de Marte, agora ele manifesta em diversas escalas, ameaçando cada vez mais a presença dos clubes de futebol de várzea no complexo.

Inserido neste contexto de ampla transformação da metrópole e do espaço urbano, o Complexo Esportivo do Campo de Marte encontra-se atualmente numa sinuca de bico. Posto fim à disputa judicial possessória de mais de meio século, o Campo de Marte ficará, de uma forma ou outra, sujeito a processos de especulação imobiliária. Já é crescente o interesse do mercado imobiliário sobre a região, tendo

em vista sua localização próxima ao centro, de fácil acesso a serviços diversos, às vias marginais e à saída da cidade. Trata-se de uma área estratégica para o mercado, em razão de seu enorme potencial de valorização. A exemplo disso, a prefeitura de São Paulo encaminhou à Câmara Municipal o Projeto de Lei nº 00011/2018, que foi aprovado e substituído pela Lei 16.886/2018 que define índices e parâmetros de parcelamento, uso e ocupação do solo a serem observados na elaboração do PIU) para a ZOE do Anhembi. Ainda que se restrinja às áreas do Complexo Anhembi, a PIU Anhembi engloba parte considerável da área onde estão localizados os bairros da Casa Verde (Figura 26).



Figura 26: Projeto de Intervenção Urbana - PIU Anhembi. (Fonte: SP-Urbanismo; Gestão Urbana)

É importante lembrar ainda que, conforme mencionado no item 3.1 (vide também Figuras 13 e 14), o território da Casa Verde já vem passando nos últimos anos por uma acentuada verticalização de seus bairros e, consequentemente, por uma valorização e crescente interesse do setor imobiliário.

O que se verifica, assim, é que os clubes do Complexo Esportivo do Campo de Marte provavelmente enfrentarão, ao fim dos trâmites judiciais, a ameaça de uma gestão pública pautada pela agenda neoliberal, que, em detrimento dos usos que valorizam uma prática social urbana profundamente enraizada na cultura popular da cidade, reproduz o espaço como valor de troca em escala metropolitana a partir de um amplo processo de privatizações. Nessa lógica, do espaço urbano reproduzido como valor de troca, não há lugar para o valor de uso das práticas lúdicas do futebol de várzea, não há espaço para o convívio comunitário, a gratuidade, o costume, e, sobretudo, não há lugar para a “gente da Casa Verde”. Segundo Kaçula (entrevista concedida a Mateus Tourinho em 17 de outubro de 2020), ao nos debruçarmos sobre processos de reestruturação urbana, de valorização espacial, é necessário sempre se atentar que, à medida em que o espaço vai se consolidando como valor de troca, se produz uma série de apagamentos de memórias, de presenças, de afetos e de sentidos.

A luta pela permanência do Complexo Esportivo Campo de Marte, de seus campos, suas sedes e seus clubes, pode ser resumida, atualmente, por um conjunto contraditório e conflituoso que se materializam no espaço metropolitano: um embate entre a apropriação e a propriedade do solo, entre o valor de uso e o valor de troca, entre o espaço dos sem-poder e o espaço dos poderosos. Não deixa de ser, também, uma luta pela produção do espaço urbano, por um jeito de se viver e de se construir a cidade:

Nós temos um projeto aqui para que o Pq. Peruche se torne um bairro histórico de São Paulo, porque aqui, nós já levantamos isso, foi senzala, onde era os dois colégios ali, foi senzala, no subsolo tinham as masmorras e tudo. Nós queremos transformar aqui num lugar histórico do Brasil. Queremos construir nossa casa de cultura em forma de carro alegórico, fazer um museu do samba dentro do bairro (...) Nós temos um projeto do nosso Departamento de Arquitetura e Urbanismo aqui do Complexo, nós estamos fazendo um projeto ali que os caras acham que é uma coisa impossível, mas é factível, que

é entre a ponte das Bandeiras e a ponte da Casa Verde fazer um parque linear. Porque essa parte onde é o Sambódromo não tem construção nenhuma. Você pode fazer a Marginal passar por um túnel por ali, são 3 ou 4 km, é coisa barata. Junta o Campo de Marte no parque e o Sambódromo no meio. Seria o Parque Público do Campo de Marte, ao invés de fazer aquele que o Doria queria fazer de 250 mil m². Nós juntamos todo esse pedaço que eu mencionei e nós construiríamos mais campos de futebol de várzea, quadras poliesportivas, mais equipamentos de lazer para os idosos e para as crianças. A Zona Norte teria uma qualidade de vida excepcional, é possível fazer isso. (OTACÍLIO, 2020)

Considerações finais

Desde suas origens na Inglaterra do século XIX, a relação entre futebol e espaço urbano foi se constituindo de forma muito imbricada. Na mesma medida em que se erigia uma nova sociedade urbana-industrial inglesa, o futebol rapidamente se difundiu por meio dos clubes de fábrica e foi se constituindo enquanto prática social urbana. Logo que se internacionalizaram, as indústrias inglesas levaram consigo o futebol, num momento em que os dois termos passavam a estar mutuamente associados.

Quando desembarcou em solo sulamericano, o futebol se proliferou. Em São Paulo, disseminou-se sobre as várzeas dos rios onde, ainda nas primeiras décadas do século XX, já se formavam clubes em profusão. Ali, nos terrenos de várzea, o futebol desenvolveu novos conteúdos espaciais. Entrelaçado com o processo de urbanização-industrialização da cidade de São Paulo, por mais periféricas as condições em que se estabeleciam os novos bairros que se formavam, com eles também se instalaram os campos e os times de várzea. O futebol varzeano foi se constituindo como parte da vida de bairro em São Paulo, foi se disseminando como parte das festas, dos costumes e da sociabilidade que preenchiam a vida urbana. Embora o crescimento e a urbanização da cidade tenham sufocado as várzeas dos rios e, em São Paulo, praticamente já não existam mais várzeas, o futebol ainda continua sendo “de várzea”. Isso porque, como prática social, transcende a própria várzea como suporte físico, mas leva ainda consigo a sua identidade.

Assim foi na Casa Verde, na Zona Norte paulistana. Ali o futebol de várzea e o samba se encontraram e mutuamente foram se constituindo como parte da práxis social dos bairros negros que formavam o território da Casa Verde. O jogo passou a ser musicado pela torcida e os festivais foram noite adentro em rodas de samba e

bailes de samba-rock. Por isso é chamado por seus moradores como “o bairro dos sambistas e esportistas”, porque faz parte da identidade de sua gente. O futebol e o samba se afirmaram, assim, nos bairros da Casa Verde como identidade de um jeito próprio de se viver o urbano.

No futebol profissional chama-se de “grande” aquele clube, estádio ou jogador que tem muita tradição, muitas conquistas e que ficarão na memória. Nesse sentido, o Complexo Esportivo do Campo de Marte é enorme. É uma miríade incontável de histórias, eventos, de festividades e de reuniões das naturezas mais distintas, vividas no espaço e que estão na memória de seus campos e de suas sedes. Contudo, apesar da importância de sua representação simbólica, o complexo se encontra no meio de um processo de disputas pelo espaço urbano, numa cidade em que a gestão neoliberal tem se tornado a sua tônica. Uma disputa que se dá como oposição entre duas formas distintas de se pensar e de se viver a cidade.

Nesse processo, o complexo do Campo de Marte ainda se apresenta como forma de resistência. A importância dessa resistência reside não apenas no valor intrínseco da luta dura e permanente, mas fundamentalmente no fato de que essa resistência se dá por meio de autofinanciamento da própria comunidade varzeana, e, portanto, de sacrifícios de uma gente “sem-poder” e “abnegada”, integrante de uma coletividade que busca manter seus enraizamentos territoriais para a permanência de suas práticas culturais e representatividades sociais. Na verdade, a luta é a reivindicação pelo seu direito à cidade, à sua participação na produção do espaço urbano, por meio da afirmação dos seus territórios e da perpetuação de sua identidade.

Referências

AB'SABER, Aziz Nacib. O Sítio Urbano de São Paulo. In: Aroldo de Azevedo (org): **A cidade de São Paulo: estudo de geografia Urbana**. São Paulo. Companhia Editora Nacional (Coleção Brasiliana, vol 14), p. 169-243, 1958

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 102-109, 1994.

BERMÚDEZ, Ana Carla. Doria promete privatizar Campo de Marte e transformá-lo em espaço de lazer. UOL Cotidiano. São Paulo, 10 jan. /2019 Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/01/10/doria-privatizar-campo-de-marte-parque-espaco-lazer.htm> . Acesso em: 10 fev. 2021.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A tragédia urbana. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; VOLOCHKO, Danilo; ALVAREZ, Isabel Pinto. **A cidade como negócio**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 43-64.

FAVERO, Raphael Piva Favalli; MAGNANI, José Guilherme Cantor. **'A várzea é imortal': abnegação, memória, disputas e sentidos em uma prática esportiva urbana**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019 Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-16052019-134542/>; Acesso em: 16. jun. 2020.

GOMES, Kauê Sousa. **Futebol de Várzea**: As fronteiras entre o amadorismo e o profissionalismo. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2019 (Relatório de pesquisa).

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

KAÇULA, Tadeu (2020a). **Casa Verde**: uma pequena África paulistana. São Paulo: Editora Liber Ars, 2020.

_____. (2020b). Entrevista concedida a Mateus Tourinho no dia 17 out. 2020.

MARCELINO, Márcio Michalczuk. **A evolução urbana do Parque Peruche e sua gente**. São Paulo: Carthago Editorial, 2003.

MASCARENHAS, de Jesus, Gilmar. Várzeas, Operários e Futebol: Uma Outra Geografia **GEOgraphia** 4, nº. 8, 2002.

OTACÍLIO, Ribeiro Filho. Entrevista concedida a Mateus Tourinho no dia 17 out. 2020.

PRIETO, Gustavo Francisco Teixeira; LACZYNSKI, Patrícia. São Paulo à venda: ultraneoliberalismo urbano, privatização e acumulação de capital (2017-2020). **Geousp - Espaço e Tempo** (Online), v.24, n.2, p.243-261, 2020.

SCIFONI, Simone. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.21, n.2, p. 125-151, jul - dez. 2013.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima Futebol: do ócio ao negócio. In: DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, M. F. A; MARTINS, S. (Org.). **Infâncias na metrópole**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 129-146.

_____. **Urbanização e fragmentação**: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2003 (tese de livre-docência).

_____. A Insurreição do Uso. In: MARTINS, José de Souza (org). **Henri Lefebvre e o Retorno da Dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu estático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

Referências figuras:

Figura 1

Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/entretenimento-no-allianz-parque/>
Acesso em: 05 out. 2020.

Figura 2

Disponível em: <http://docfoto.com.br/site/serie/terrao-de-cima/>
Acesso em 25 jan. 2021.

Figura 3

Disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/img/1897-download.jpg>
Acesso em 07 out. 2020.

Figura 4

Disponível em:
http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1924.jpg
Acesso em 07 out. 2020.

Figura 6

Disponível em:
http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx
Acesso em 9 out. 2020.

Figura 7

Disponível em:

<http://www.saopauloinfoco.com.br/especial-marginais/>

Acesso em 9 out. 2020.

Figura 9

Disponível em:

http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx

Acesso em 9 out. 2020.

Figura 10

Disponível em:

http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx

Acesso em 9 out. 2020.

Figura 11

Disponível em:

<https://www.geoportal.com.br/memoriapaulista/>

Acesso em 23 out. 2020.

Figura 12

Disponível em:

http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx

Acesso em 10 out. 2020.

Figura 13

Disponível em:

http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx

Acesso em 10 out. 2020.

Figura 14

Disponível em:

http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx

Acesso em 10 out. 2020.

Figura 15:

Disponível em:

<https://www.geoportal.com.br/memoriapaulista/>

Acesso em 15 out. 2020.

Figura 16

Disponível em:

<https://dados.museudofutebol.org.br/3d#/tipo:acervo/690541,Segundo%20time%20o%20Gr%C3%A3mio%20Recreativo%20Sade%20em%201967>

Acesso em 20 nov. 2020

Figura 17

Disponível em:

<https://dados.museudofutebol.org.br/3d#/tipo:acervo/690560,Vista%20a%C3%A9rea%20da%20regi%C3%A3o%20do%20Complexo%20Esportivo%20Campo%20de%20Marte>

Acesso em 20 nov. 2020.

Figura 19

Disponível em:

<https://dados.museudofutebol.org.br/3d#/tipo:acervo/652557,Colaboradores%20durante%20a%20constru%C3%A7%C3%A3o%20do%20campo%20do%20Baruel%20FC%2009>

Acesso em 20 nov. 2020.

Figura 20

Disponível

em:

<https://dados.museudofutebol.org.br/3d#/tipo:acervo/690355,Jogadores%20dos%20Veteranos%20Unidos%20Paulista%20no%20come%C3%A7o%20da%20d%C3%A9cada%20de%201990%20>

Acesso em 20 nov. 2020.

Figura 22

Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps>

Acesso em 9 out. 2020.

Figura 23

Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps>

Acesso em 9 out. 2020.

Figura 24

Disponível em:

<https://www.google.com.br/maps/place/TOTVS/@-23.508175,-46.6513239,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipP1tcaEhUe5eKQ3B9eJDxnf70bwMfrcnlfwq0yv!2e10!3e12!6shttps://lh5.googleusercontent.com%2Fp%2Faf1QipP1tcaEhUe5eKQ3B9eJDxnf70bwMfrcnlfwq0yv%3Dw114-h86-k-no!7i2048!8i1535!4m5!3m4!1s0x94cef7da8a4b2615:0x80cc3f21d1aa5262!8m2!3d-23.5085597!4d-46.6515219>

Acesso em 9 out. 2020.

Figura 26:

Disponível em:

<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/PIU-Anhembi-P18-MAPA-1.pdf>

Acesso em 10 fev.2021